

**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE MARÍLIA  
Faculdade de Filosofia e Ciências



**Larissa de Mello Lima**

**MODELO DE ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS  
LITERÁRIOS PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO: Um estudo dos contos de Clarice Lispector**

**Marília**

**2021**



**Larissa de Mello Lima**

**MODELO DE ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS  
LITERÁRIOS PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO: Um Estudo dos contos de Clarice Lispector**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

**Linha de Pesquisa:** Produção e Organização da Informação

**Orientador:** João Batista Ernesto de Moraes

**Coorientadora:** Suellen Oliveira Milani

**Financiamento:** CAPES

**Marília**

**2021**

## Ficha Catalográfica

L732m            lima, Larissa de mello  
                  Modelo de Análise Documental de textos literários pela  
                  perspectiva da Análise do Discurso: um estudo dos contos de  
                  Clarice Lispector / Larissa de mello lima. -- Marília, 2021  
                  101 p.

                  Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
                  Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
                  Orientador: João Batista Ernesto de Moraes  
                  Coorientadora: Suellen Oliveira Milani

                  1. Análise documental. 2. Análise do discurso. 3. Análise do  
                  discurso narrativo. 4. contos brasileiros. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**Larissa de Mello Lima**

**MODELO DE ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS  
LITERÁRIOS PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO: Um estudo dos contos de Clarice Lispector**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes – PPGCI/Unesp. Orientador

---

Prof. Dr. Daniel Martinez-Ávila – PPGCI/Unesp. Examinador interno

---

Prof. Dr. Walter Moreira – PPGCI/Unesp. Examinador interno

---

Prof. Dr. Graci Kelly Martins – UFPA/Universidade Federal da Paraíba. Examinadora Externa

---

Prof. Dr. Brígida Maria Nogueira Cervantes – UEL/ Universidade Estadual de Londrina

**Marília  
2021**

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus pais, Lúcia e João e ao meu irmão Luan**

## AGRADECIMENTOS

A escrita desta tese foi um processo dolorido e ao mesmo tempo purificador, desde pequena intui que estava na junção de palavras o meu maior desafio de vida, minha escrita sempre foi difusa e caótica, a vida acadêmica me ensinou a dar uma forma mais organizada para o meu discurso. Desta forma agradeço aos professores que lerão este trabalho e que tanto me ensinaram ao longo desta jornada. Obrigada professor João por não ter me deixado desistir e por ver poética no meu discurso, ao professor Walter pelas trocas genuínas no Georc, ao professor Daniel pelos conselhos e ombro amigo, à professora Graci e professora Brígida por aceitarem prontamente o convite para a defesa. Agradeço aos bons e queridos amigos que fiz ao longo destes 10 anos; Laís, Mariana, Ariane, Paloma, Mirelys, Luiza e Ilídio obrigada pela paciência, ajuda e parceria pessoal!

Agradeço a minha coorientadora professora Suellen Milani por ter aceitado trilhar esse percurso e por ter me ajudado de forma generosa, didática e precisa, você mora no meu coração Su.

Agradeço a Carol Belfante por me inspirar com suas conversas filosóficas, sua amizade foi uma grata surpresa nesta reta final.

Agradeço a minha psicóloga Sandra Tolentino por me mostrar a infinidade de recursos internos que possuo.

Agradeço aos bons amigos de São Paulo que entenderam minha ausência; Cintia e Rodrigo, vocês iluminam meu caminho com a nossa troca sincera! Ao amigo Ivan que me indicou ótimas biografias Clariceanas, à Natalia Tognoli e sua família linda por me acolherem sempre com tanto amor.

Agradeço aos meus pais João e Lucia por terem depositado tanta fé em mim e serem minha fortaleza, ao meu irmão Luan por me ensinar que a graça está nas paisagens e vislumbres ao longo da jornada. Amo vocês mais que tudo! Aos meus primos; Jaque, Malu, Aline e Mateus, à Tia Silvana, Tio Ni, Tio Zé e Tio Gordo por me lembrarem que a Vó Alice vive em nós, em nossa comunhão.

Agradeço ao meu pai Oxalá, a todos os Orixás, ao Universo e Cosmos, pelo aqui e agora!

Por fim, mas não menos importante, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Oriava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar

## RESUMO

Esta tese teve como foco encontrar uma forma fidedigna de representar as singularidades do texto narrativo de ficção do gênero conto no contexto da Organização do Conhecimento. O cenário encontrado que consistiu no problema de pesquisa foi a percepção do tratamento superficial dado aos textos literários no momento da Análise documental culminando em representações que se centravam nos aspectos externos e formais do documento, enquanto o assunto era confundido com as categorias gênero e nacionalidade, por exemplo. Acredita-se que este fenômeno se dava pela incompatibilidade de aplicação das diretrizes do texto científico ao texto narrativo de ficção do gênero conto. O objetivo principal então foi criar um modelo de leitura direcionado para o conteúdo do texto literário, levando em conta as peculiaridades do texto narrativo de ficção do gênero conto. O objeto de estudo desta tese foram os contos “Ruído de passos” “Uma esperança” e “Cem anos de perdão” da autora Clarice Lispector. Tais contos foram escolhidos por representarem a infância, vida adulta e velhice da autora. Para a criação do modelo de leitura foi necessário se apoiar em uma metodologia robusta: A Análise do Discurso de matriz Francesa, oferecendo os aportes teóricos; e a Análise do Discurso literário oferecendo os conceitos. Através destas perspectivas que foram elucidadas ao longo deste trabalho foi possível entender que o discurso literário de Clarice Lispector existe diante da opacidade do dizer subvertendo-o, pois, os conceitos como formação discursiva e interdição de Foucault e Pêcheux nos explicam que “não é possível dizer tudo em qualquer circunstância”. Perspectiva esta que Clarice Lispector rompe no conto “Ruído de passos” ao falar sobre masturbação feminina valendo-se de eufemismos, por exemplo. O modelo de leitura não foi criado com a pretensão de ter um caráter prescritivo porque não reflete a perspectiva crítica da Análise do Discurso e da Análise do Discurso Literário que deram base teórica e metodológica para a criação do modelo. Acredita-se que este trabalho esboce uma nova linha narrativa crítica para os estudos da Organização do Conhecimento e também para os bibliotecários/indexadores no momento de realizar a leitura documental; acredita-se que o modelo de leitura tem o potencial de ser uma maneira viável e robusta de representar os textos narrativos de ficção do gênero conto.

**Palavras-chave:** Análise documental. Análise do discurso. Análise do discurso narrativo. Contos brasileiros.

## ABSTRACT

This thesis focused on finding a reliable way to represent the singularities of the narrative fiction text of the genre short story in the context of the Knowledge Organization. The scenario found that consisted of the research problem was the perception of the superficial treatment given to literary texts at the time of the Documentary Analysis culminating in representations that focused on the external and formal aspects of the document, while the subject was confused with the categories gender and nationality, for example. It is believed that this phenomenon was due to the incompatibility of applying the guidelines of the scientific text to the fictional narrative text of the short story genre. The main objective then was to create a reading model directed to the content of the literary text, taking into account the peculiarities of the fictional narrative text of the short story genre. The object of study of this thesis were the short stories “Noise of steps”, “A hope” and “One hundred years of forgiveness”, by the author Clarice Lispector. Such tales were chosen because they represent the author's childhood, adult life and old age. For the creation of the reading model it was necessary to rely on a robust methodology: Discourse Analysis of French matrix, offering theoretical contributions; and the Analysis of Literary Discourse offering the concepts. Through these perspectives that were elucidated throughout this work, it was possible to understand that Clarice Lispector's literary discourse exists in the face of the opacity of saying, subverting it, since the concepts such as discursive formation and interdiction by Foucault and Pêcheux explain that “it is not possible say everything in any circumstance ”. This perspective that Clarice Lispector breaks in the short story “Noise of steps” when talking about female masturbation using euphemisms, for example. The reading model was not created with the intention of having a prescriptive character because it does not reflect the critical perspective of Discourse Analysis and Literary Discourse Analysis that gave theoretical and methodological basis for the creation of the model. It is believed that this work outlines a new critical narrative line for the studies of the Knowledge Organization and also for librarians / indexers at the time of carrying out documentary reading; it is believed that the reading model has the potential to be a viable and robust way of representing fictional narrative texts in the short story genre

**Keywords:** Document analysis. Speech analysis. Analysis of narrative discourse. Brazilian tales.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Foco da tese.....	41
<b>Figura 2</b> - Diagrama que representa a matéria da obra.....	52
<b>Figura 3</b> - “Conheça as oito etapas do Caminho do Livro”.....	60
<b>Figura 4</b> - “Manual de Política de Indexação”.....	61
<b>Figura 5</b> - busca por grupos de estudo sobre as obras de Clarice Lispector.....	74
<b>Figura 6</b> - Orientações de leitura discursiva para contos.....	80
<b>Figura 7</b> - Orientações de leitura discursiva para contos.....	81

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Definições de análise documental.....	37
<b>Quadro 2</b> - Conceitos de indexação.....	40
<b>Quadro 3</b> - Dinâmica dos textos narrativos de ficção: conto “Cem anos de Perdão” Clarice Lispector.....	48
<b>Quadro 4</b> - Exemplo de Macroestrutura, Microestrutura e Superestrutura.....	50
<b>Quadro 5</b> - Versão do Modelo de Leitura Documentária para catalogação de assuntos de livros.....	63
<b>Quadro 6</b> - Documentos recuperados na BRAPCI com a estratégia “modelo de leitura e indexação”.....	67
<b>Quadro 7</b> - Artigos recuperados com a estratégia de busca “Subject Analysis and Indexing”.....	69
<b>Quadro 8</b> - Ideias força para legitimação do discurso – conto.....	71
<b>Quadro 9</b> - Qual corpus será submetido à análise? Conto 1.....	82
<b>Quadro 10</b> - Qual corpus será submetido à análise? Conto 2.....	85
<b>Quadro 11</b> : Principais temas levantados.....	87

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1	Pressupostos teóricos: ciência da informação e organização do conhecimento.....	13
1.2	Escopo.....	16
1.3	Justificativa.....	17
1.4	Problemática e problema.....	17
1.5	Objetivos.....	19
1.6	Metodologia.....	19
<b>2</b>	<b>ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: Revisitando conceitos.....</b>	<b>21</b>
2.1	Análise do discurso francesa: Elementos teórico-metodológicos.....	21
2.2	Análise do discurso literário: Elementos para a análise.....	26
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DOCUMENTAL E TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO: orientações e modelos.....</b>	<b>31</b>
3.1	Organização do Conhecimento: fundamentos teóricos.....	31
3.2	Orientações para a Análise Documental.....	51
3.2.1	Busca por orientações para a Análise Documental.....	59
3.3	Modelos de leitura para textos narrativos de ficção.....	70
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>73</b>
4.1	Clarice Lispector e seus contos.....	76
4.2	Modelo de leitura discursiva para contos de Clarice Lispector.....	80
4.3	Aplicação da orientação de análise de discurso literário nos contos “Ruído de passos” “Uma esperança”.....	81
4.4	Temas levantados através do modelo de leitura.....	88
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Ciência da informação conta com uma série de nuances epistemológicas (LIMA, 2017). Pode-se dizer que estas nuances advêm de uma série de fatores como, por exemplo, o fato de lidarmos com um objeto complexo que é a informação registrada, socializada. Além disso, somos responsáveis pela construção de pontes informacionais entre esse objeto e a comunidade.

Segundo Borko (1968), a Ciência da Informação é uma ciência recente e de caráter interdisciplinar, desta maneira lidamos com a complexidade da Informação registrada e sua relação com as outras áreas do conhecimento.

Desta forma nos parágrafos a seguir serão retomados os alguns elementos teóricos básicos do início da Ciência da Informação e a sua interdisciplinaridade firmando um solo para que se sejam delineados os pressupostos da tese:

### 1.1 Pressupostos teóricos: ciência da informação e organização do conhecimento

Robredo (2011) explica que as conferências do “Georgia Tech” em 1961 e 1962 abriram espaço para discussões e reflexões acerca da prematura “Ciência da Informação”. O pensar sobre essa nova Ciência surge em meio a ideologias e processos enunciativos singulares que preconizam a definição que parece ser clássica na área. Segundo Shera e Cleveland (1967), a Ciência da Informação é a responsável por investigar as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e as formas de processar a informação visando o máximo de acessibilidade e uso. O processo abrange a origem, a disseminação, a coleta a organização, o armazenamento, a recuperação, a interpretação, e o uso da Informação.

Pode-se dizer então que a Ciência da Informação nasce para solucionar questões de ordem prática, ou ainda que se convencionou denominá-la de “Ciência da Informação” devido às perspectivas que a partir de então, passaram a focar a informação como elemento estratégico fundamental para avanços científicos e tecnológicos. Nessa esfera, a questão do registro passa a ser fundamental. Em relação a esta perspectiva Guimarães (2008, p. 4) esclarece: “A informação passa a ser assumida como uma preocupação a ser encarada, de modo que sua produção, acesso, organização e uso pudessem ser analisados a partir de parâmetros defensáveis”.

No trecho acima é dada uma contribuição substancial para a área, na medida em que

Guimarães (2008) esboça os processos inerentes a Ciência da Informação que caracterizam a informação registrada; defendida pelo autor como o verdadeiro objeto da Ciência da Informação.

No que diz respeito à interdisciplinaridade na Ciência da Informação, acredita-se que a seguinte definição de Borko (1968, p. 3) merece destaque:

É uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada a áreas como a matemática, lógica, linguística, psicologia, informática, metodologia da pesquisa, artes gráficas, comunicação, biblioteconomia, administração e outros campos similares. Tem um duplo caráter tanto de ciência pura, que se indaga sobre seu objeto sem preocupações com aplicação, quanto de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos. (BORKO, 1968, p. 3, tradução nossa).

Nesta passagem, Borko (1968) suscita questões de suma importância na medida em que reconhece o caráter aplicado desta ciência, mas também destaca sua importante vertente de ciência pura. Além disso, destaca a perspectiva da interdisciplinaridade que incide sobre a Ciência da Informação na medida em que cita as áreas que contribuem com referenciais metodológicos e teóricos.

Com base no caráter interdisciplinar da Ciência da Informação e com enfoque no processo de organização da informação e recuperação da mesma os pressupostos desta tese começam a se delinear, pois a preocupação com a recuperação de textos narrativos de ficção começou a partir da década de 1980 na área, principalmente pela dificuldade de representar o conteúdo temático dos documentos. (BEGHTOL, C. 1989; BEGHTOL, C., 1990; BEGHTOL, C., 1992)

Nos últimos quarenta anos, a questão dos textos literários parece ter voltado à tona, pois podem ser encontrados os estudos de Pejtersen (1978, 1979, 1983, 1984, 1998), Beghtol (1989, 1990, 1992), Hutchins (1997), García-Marco (2006), dentre outros. Porém, deve-se observar que tais estudos concentram seu foco nas questões de indexação, classificação ou recuperação da informação, ou seja, as preocupações recaem antes sobre a questão dos *produtos documentais*; deve-se acrescentar, ainda, que tais produtos documentais, em sua maioria, focam a questão do gênero (romance, poesia, drama), da nacionalidade (Romance Inglês, Romance Brasileiro), ou mesmo rotulado sob o genérico "ficção".

Como exemplo, vejam-se os critérios propostos por Veiga; Martha (1986) para a classificação de obras literárias:

Na classificação de uma obra literária, no sentido estrito, devemos considerar os seguintes

elementos:

- Língua em que foi escrita a obra
- Gênero ou forma
- Tema ou assunto
- Nacionalidade do escritor
- Local e data da publicação
- Teoria, ciência e técnica literária (VEIGA; MARTHA, 1986, p. 13).

O fato é que, quando a “matéria prima” da análise recai sobre os textos narrativos de ficção, a complexidade aumenta consideravelmente, pois o modelo metodológico de identificação de conceitos elaborado para textos científicos, pautado na leitura documental de partes canônicas do texto, tais como título, subtítulo, resumo, etc. (CHAUMIER, 1988), não se aplica a textos narrativos, pois a estrutura destes textos assume outras formas de evidenciar seu conteúdo, neste momento entra a utilização da Análise do Discurso como forma de evidenciar o conteúdo de tais documentos.

É possível afirmar que não há eficácia na representação de assunto de obras literárias nas bibliotecas brasileiras, esta tese tem como foco a representação do assunto de maneira global e de maneira mais específica a etapa que antecede que é a análise do assunto, perspectiva esta que se enquadra nos estudos de Organização do Conhecimento.

A Organização do Conhecimento (OC) pode ser entendida como uma área interdisciplinar que objetiva estabelecer procedimentos que atuem em relação à organização do conhecimento permitindo que ocorram melhorias em relação às formas de representação, acesso e uso das informações. Havendo a diminuição de inconsistências de comunicação por meio de representações claras e precisas (GARCÍA-MARCO, 2010).

Segundo Hjørland (2016) a Organização do Conhecimento é um campo de pesquisa, ensino e prática para os bibliotecários e Cientistas da Informação. Segundo o mesmo, a KO é sobre descrever, representar, organizar documentos, assuntos e conceitos. É realizada uma divisão na Organização do Conhecimento; A primeira vai se preocupar em organizar os processos da Organização do Conhecimento de assunto como a Classificação, Indexação, Análise documental, já a segunda vai focar nos sistemas da Organização do Conhecimento, perspectiva ligadas as tecnologias informacionais.

De acordo com Olson (2002), a Organização do Conhecimento é um processo intencional mediado pelos aspectos contextuais que interferem no acesso e apropriação da informação. Partindo dessas premissas, esta autora considera que, apesar da importância dos instrumentos universais e padronizados de classificação, é necessário perceber que a

Organização do Conhecimento é um processo enviesado, visto que é influenciado por determinantes sociais e culturais.

Os vieses ligados à organização do conhecimento podem criar um problema ético, sendo um dos mais relevantes aquele do acesso deficiente e/ou desigual à informação (MILANI; GUMARÃES, 2018) que tem implicações diretas no processo de análise, sobretudo no que diz respeito à definição de estratégias cognitivas que na análise documental o representem de fato.

Segundo Saarti (2019), a análise de conteúdo de textos narrativos de ficção é recente na medida em que remonta aos últimos 100 anos, segundo ele a necessidade de classificação e indexação de ficção é uma questão política, que remonta a ideologias que serão retomadas no capítulo sobre Organização do Conhecimento.

Esta tese tem foco na Análise Documental, mais especificamente na criação de um modelo de leitura considerando a dimensão cognitiva, interpretativa e discursiva.

## 1.2 Escopo

Com base nas considerações proporcionadas pela realização dos trabalhos “O Percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: Uma análise discursiva a partir dos periódicos *Ciência da Informação* e *Revista da Escola de Biblioteconomia* da UFMG. (LIMA, 2015)” e “A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do GT1 ENANCIB em sua primeira década” (LIMA, 2017)”. Esta pesquisa parte do pressuposto de que existe um paralelo entre os modelos de leitura da Análise Documental com a Análise do Discurso Literário criando assim uma proposta de orientação de leitura discursivo que pode auxiliar nos processos de recuperação da informação

A partir dessa chancela, entra-se agora no âmbito da Organização e Representação do Conhecimento. Neste estudo busca-se estudar o discurso literário, pois a análise documental dos textos narrativos de ficção não está sendo realizada de forma eficaz por conta de uma série de fatores e três deles serão listados a seguir, de acordo com Saarti (2019):

- As bibliotecas se preocupam com os produtos documentais, deixando termos genéricos que não representam a complexidade que há em uma obra literária;
- As bibliotecas precisam otimizar o tempo e não é viável realizar uma análise aprofundada das estruturas textuais de cada livro de ficção;
- A comunidade acadêmica da Ciência da Informação começou a se preocupar recentemente, nos últimos 20 anos, com a questão da análise documental de obras literárias.

### **1.3 Justificativa**

Sendo assim, este estudo justifica-se por conta da necessidade de investigar de maneira horizontalizada o discurso literário dos textos narrativos de ficção por meio da análise discursiva: (como é dito isto?), de dois contos dos livros “Felicidade clandestina” e “A via crucis do corpo” da escritora brasileira Clarice Lispector. É importante estudar os contos da referida autora porque esta é tida como hermética no ambiente literário e acadêmico. (GOTLIB, 2010).

A utilização da Análise do discurso literário na elaboração do modelo de leitura é necessária porque este aporte oferece aprofundamento em relação as camadas textuais do gênero conto à nível ideológico e histórico, pois trabalhamos com textos que possuem personagens em determinados espaços e tempos.

Além disso, pretende-se com esta pesquisa oferecer uma alternativa de leitura documentária para a inclusão do gênero conto no modelo de indexação de ficção (MENTIF) da UNESP.

Com esta pesquisa, pretendemos dar continuidade a uma trajetória do grupo de pesquisa “Linguagem, discurso e Organização do Conhecimento” que têm um histórico de pesquisas que convergem com a temática com uma série de trabalhos que serão citados a seguir Alves (2007), Alves (2008), Antonio (2008), Antonio e Moraes (2009), Antonio e Moraes (2010), Caprioli (2018), Costa (2010), Garcia-Marco et al. (2010), Guimarães; Moraes e Guarido (2007), Lara (2007), Moraes e Guimarães (2008), Moraes e Guimarães (2006), Moraes; Damazo e Lara (2008) e Sabbag (2013).

No que diz respeito aos avanços teóricos sobre modelos de leitura temos os trabalhos de Fujita que é pioneira sobre os estudos na área.

Seguindo este percurso busca-se agora seguir analisando textos narrativos de ficção do gênero conto por meio da análise do discurso literário, porém agora será proposto um modelo de leitura, mostrando assim a consistência e originalidade da tese.

### **1.4 Problemática e problema**

Desta maneira delimita-se a problemática deste trabalho que reside no fato dos textos narrativos de ficção não serem representados de maneira profícua para fins de recuperação da informação.

Um motivo dos textos narrativos de ficção não estarem sendo representados de maneira

eficaz para a recuperação da informação é por conta do fato indexador não contar com ferramentas que o auxiliem a lidar com a singularidade do gênero literário. De maneira mais específica Saarti (2019) na enciclopédia da ISKO explica:

Uma característica importante dos estudos de indexação e classificação de ficção tem sido o problema de identificar os aspectos que valem a pena indexar e / ou classificar em trabalhos individuais. Tradicionalmente, os sistemas de classificação geral utilizaram uma base literária (especificamente gênero), o ano de publicação (às vezes com a referência a uma época) e o país de publicação e / ou o escritor (às vezes com uma referência a regiões culturais).

A base literária, o ano de publicação, o país e o escritor que são tradicionalmente usados nos sistemas de classificação não bastam para lidar com a singularidade do gênero literário no momento de representação. Segundo o referido autor, os estudos de Classificação de ficção se dividem em duas categorias: a primeira considera válida a maneira como a classificação está sendo realizada sem considerar os pormenores do gênero literário, ou seja, uma corrente ligada a forma; já a segunda pensa que a classificação deve ser uma maneira de descrever o conteúdo da obra de ficção, é importante deixar claro que esta tese defende esta segunda corrente. O foco desta tese não está na classificação, mas sim nas etapas que antecedem a indexação, como leitura documental e análise.

Segundo Guimarães (2006), outro motivo para os textos de ficção não serem representados de maneira eficaz é o fato sistema de classificação decimal de Dewey optar por listas de estrutura simplista, por realizar o encobrimento de contradições e valores; além disso, podemos dizer também que o fato de na CDD as partes serem arranjadas pela disciplina e não pelo tema é um fator limitante no que concerne aos textos narrativos de ficção.

De maneira prática, caso um usuário de determinada unidade de informação procure em base de dados nacionais (MORAES E GUIMARÃES, 2006; GUIMARÃES, MORAES E GUARIDO, 2007; MORAES E GUIMARÃES, 2008; MORAES, DAMAZO E LARA, 2008; ALVES, 2008; ANTONIO E MORAES, 2010) um conto por meio de conceitos importantes do mesmo não irá recuperar a obra; sendo assim, de maneira mais específica, é necessário que se debruce no gênero conto pois não se encontra na literatura da área até então trabalho que análise discursivamente contos da escritora brasileira Clarice Lispector.

Desta forma a pesquisa levanta o seguinte problema: qual seria o melhor modelo para realizar a representação dos textos literários do gênero conto no contexto da Ciência da Informação

## 1.5 Objetivos

Desta maneira os seguintes objetivos foram traçados:

Objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a análise documental de textos narrativos de ficção por meio da elaboração de um modelo para a realização da leitura documental do gênero conto no âmbito da Organização do Conhecimento

Como objetivos específicos busca-se:

- Situar os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do discurso de matriz Francesa e conseqüentemente da Análise do Discurso Literário no Âmbito da Organização do Conhecimento.

- Apresentar os aspectos teóricos e metodológicos da Análise documental ressaltando a ideia de modelos de leitura

- Apresentar o modelo de leitura discursivo para a aplicação da Análise do discurso Literário

- Verificar a aplicabilidade do modelo de leitura discursivo nos contos “Uma esperança” e “Ruído de passos” de Clarice Lispector

## 1.6 Metodologia

A metodologia deste trabalho busca permitir o olhar sobre a temática com lentes e abordagens diferentes, caracterizando-se assim como uma pesquisa bibliográfica porque se baseia em material já publicado. Segundo Gil, (2002) na maioria dos trabalhos acadêmicos em algum momento há a necessidade de recorrer a pesquisa bibliográfica que busca fornecer fundamentação teórica ao trabalho.

No que diz respeito a esta tese a pesquisa é bibliográfica, pois se baseia em materiais elaborados por autores com propósitos específicos, como exemplo temos o capítulo 2 no qual será feita uma aprofundada revisão bibliográfica sobre a Análise do Discurso recorrendo à autores específicos como Foucault, Pêcheux e Maingueneau, Orlandi a fim de apresentar a teoria e a metodologia para a posterior criação do modelo de leitura.

No capítulo três haverá uma mescla entre pesquisa bibliográfica e documental pois, primeiramente, será realizada uma aprofundada revisão bibliográfica sobre a Organização do Conhecimento, situando sua história e conceitos conduzindo o texto para a análise documental

e os modelos de leitura bem como suas estratégias cognitivas e metacognitivas. Na segunda e terceira seção do capítulo 3 a pesquisa será documental porque, segundo Gil (2002, p. 30), “se valerá de toda sorte de documentos elaborados com finalidades diversas”. Na segunda seção, por exemplo, quando for realizada a busca na BRAPCI e LISA sobre modelos de leitura nos últimos 20 anos se utilizando da estratégia de busca por meio dos descritores “Leitura documental” e “modelo de leitura” será recuperado um leque de documentos que podem ter caráter bibliográfico e documental.

Na terceira seção haverá busca no site oficial da biblioteca da USP, UNESP e Unicamp em nível nacional sobre documentos oficiais que falem sobre política de indexação, buscando dentro destas políticas e ou documentos como é tratada a leitura documental nas referidas instituições. Além disso, será realizada a nível internacional uma pesquisa no site oficial da LOC com o mesmo objetivo.

No capítulo 4 será elaborada e explicada a orientação de leitura literária discursiva e a metodologia será a análise do discurso literário. Depois de confeccionado o quadro vai ser feita a análise dos contos “Uma esperança” e “Ruído de passos”.

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA REVISITANDO CONCEITOS

Neste capítulo será realizada uma revisão bibliográfica sobre os elementos teórico metodológicos da Análise do discurso de matriz Francesa, bem como os elementos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Literário formando assim a metodologia desta tese.

### 2.1 Análise do Discurso francesa: elementos teórico-metodológicos

A Análise do Discurso de Matriz Francesa nasce do estruturalismo especulativo que têm bases em trabalhos com matrizes filosóficas e ideológicas, mas vem para modificar essa estrutura, pois visa a compreender o fenômeno da linguagem não concentrado apenas na língua, mas considerando também os elementos que a extrapolam.

Tal perspectiva se liga ao movimento de negação ao estruturalismo que começa a irromper na França em meados da década de 1960. Busca combater o excesso de formalismo e padronização dos elementos da linguagem tratados de maneira estrutural por influência dos postulados de Saussure.

Acredita-se ser importante retomar brevemente o momento histórico pelo qual a França passava para contextualizar os mecanismos que tornaram possível dar importância para os estudos centrados no sujeito da linguagem e, por conseguinte, no discurso. Michel Pêcheux, filósofo de formação, começa a realizar uma forte ligação entre a Filosofia e as Ciências Sociais a partir de uma série de estudos centrados na língua. (HENRY, 1997)

Em “*Curso de Linguística Geral*” Saussure afirma que língua e fala são diferentes, possuindo relação de oposição. Para Saussure a língua é o conjunto de signos estruturados, o todo, que uma comunidade utiliza para se comunicar, ou seja, é algo coletivo e social. Já a fala ele denomina como algo individual, particular, é a maneira como as pessoas usam a língua. Embora diferentes elas se completam, são dependentes uma da outra. Para que possa existir, se estabelecer, a língua precisa de falantes. Desta maneira, a fala também precisa de um modo para existir, um código, uma ferramenta. Saussure fez seu estudo sobre a língua, pois, segundo ele, era propícia para aprofundamento naquele momento, deixando a fala de lado (SAUSSURE, 2008).

Ao mesmo tempo em que deixou a fala em segundo plano, Saussure deixa aberto um campo de estudo rico e até então sem aprofundamento teórico.

Ao serem interligados estes fatores listados acima; o excesso de formalismo linguístico

somado ao sujeito que conduz a fala sendo deixado em segundo plano, Pêcheux e seus seguidores criam a Análise do Discurso Francesa. O marco inicial da corrente teórica foi fixado no lançamento paralelo em 1969 da obra “*Análise Automática do Discurso*” de Michel Pêcheux, e da Revista *Langages* criada por Jean Dubois (GREGOLIN, 1995; MAINGUENEAU, 1997).

Torna-se legítimo afirmar que eles possuíam um solo fértil para germinar teorias centradas no sujeito até então esquecido. Ele retoma, por exemplo, elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para dar conta de falar sobre o papel desempenhado pelo sujeito nos discursos.

Além disso, é colocada em primeiro plano a questão da ideologia, ele afirma que “a ciência é antes de tudo a ideologia com a qual rompe”. Para falar de ideologia retoma Louis Althusser, de quem foi aluno e a encara enquanto o que “interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1998), sendo reflexo de uma representação entre a realidade e o sujeito. Seu percurso teórico e metodológico na análise do discurso francesa é sustentado na pirâmide que busca articular o materialismo histórico com a teoria da ideologia; a linguística focando nos processos de enunciação e a teoria do discurso que coloca em centro a teoria de determinação histórica dos processos semânticos. (ORLANDI, 1999)

Então, a Análise do Discurso trabalha na relação entre o linguístico e o ideológico, na medida em que todo e qualquer discurso sofre a ação da ideologia que o atravessa (FOUCAULT, 1986, P. 56).

[...] Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície, de contato ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, ou intrinsecamente entre um léxico e uma experiência, gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que analisando os próprios discursos vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas com práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. [...] É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Na passagem acima, Foucault diz que a questão do discurso ultrapassa o paradigma linguístico alertando que todo discurso reflete uma prática própria. Nesta prática entra a perspectiva ideológica; um dos elementos que formam o “mais” dito por Foucault, ou seja, todo e qualquer discurso sofre a ação da ideologia que o atravessa.

Segundo Orlandi (1999), a Análise do Discurso não trabalha com a língua como um

sistema abstrato, mas com ela no mundo, significando para o homem que a fala, levando em consideração a produção desses sentidos em suas vidas, enquanto sujeitos ou enquanto membros de uma sociedade.

Entende-se que a linguagem não é um instrumento que se encontra facilmente visível e transparente, por esse motivo a Análise do Discurso procura detectar como um texto significando muito além de padrões e como cada objeto em seu contexto significa. Então a Análise do discurso busca compreender não somente a prática de linguagem, mas também a parte simbólica e como isso constrói o ser humano enquanto pessoa. O que leva a refletir que “Conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia [...]” (ORLANDI, 1999, P. 17).

No que diz ao percurso histórico e evolutivo da Escola Francesa da Análise do Discurso é possível citar Foucault e Pêcheux na década de 1970 como precursores na formação do quadro epistemológico da disciplina.

Descreve-se primeiramente a figura icônica de Michel Foucault na análise do discurso de matriz francesa. Polêmico em relação à corrente de pensamentos na qual se encaixava, por exemplo, na obra “Ordem do discurso” Foucault (1996) lança uma crítica aos pensadores que enquadram seus estudos como “estruturalistas”. Este livro representa uma síntese da primeira aula do filósofo ao assumir a Cátedra no Collège de France.

Desde o princípio, deve-se deixar bem claro que Foucault nunca estabeleceu um conjunto de pautas sistemáticas ou instruções de como realizar sua análise do discurso, aspecto que entra em consonância com a própria atuação e coerência intelectual do autor: “Eu tomo cuidado de não ditar como as coisas deveriam ser” (FOUCAULT, 1994, P. 288).

Deste modo, ele buscava distanciar seus estudos do excesso de formalismo linguístico de Saussure (2008) que, por exemplo, em “Curso de linguística geral”, afirmava que língua e fala são diferentes, possuindo relação de oposição. Para Saussure a língua seria o conjunto de signos estruturados, o todo, que uma comunidade utiliza para se comunicar; ou seja, é algo coletivo e social. Já a fala ele denominava como algo individual, particular, é a maneira como as pessoas usam a língua. Foucault afastava seus estudos desta posição porque Foucault não acreditava nas dicotomias de Saussure.

Não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais

que utilizar esses signos para designar coisas [...] É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1984, P. 56) Na passagem acima Foucault diz que a questão do discurso transcende o paradigma linguístico alertando que todo discurso reflete uma prática própria.

De fato, conforme nos explica Martínez-Ávila (2012), “Se Foucault tivesse ‘prescrito’ (como sistematizado) a maneira de como alguém deve fazer genealogia ou arqueologia de forma a esta ser autêntica, então eu concordo que isto seria uma grande hipocrisia do mais alto grau” (GRAHAM, 2005, p.5).

Sem dúvida, isto não impediu que numerosos estudiosos e leitores de Foucault tivessem identificado os passos metodológicos que ele utilizou em seus diferentes estudos, para extraí-los e distingui-los de outros métodos. Foucault sempre foi explícito e detalhado – pode-se até dizer metódico – com respeito a suas próprias obras, e isto permitiu criar uma escola de estudiosos. Andersen (2003) afirma que ao negar toda forma de rotulagem de pensamento para seus estudos, Foucault (2010) paradoxalmente fundou uma escola de pensamento (MARTÍNEZ-ÁVILA, 2012).

Mutável e fluído como as categorias estudadas por Foucault, Martínez-Ávila (2012) explica que o método por ele utilizado – que será denominado por conveniência de análise do discurso – também variou em seus diferentes trabalhos. Assim, podem-se identificar, no mínimo, as variantes de análise arqueológica, análise genealógica, tecnologia de autoanálise (self-technologyanalysis), e análise dispositiva (também propondo, dentre outras possíveis estratégias, a análise estética) (ANDERSEN, 2003)).

Segundo Martínez-Ávila (2012), cada estratégia nos trabalhos de Foucault progressivamente substitui a anterior embora Andersen ainda afirme que não apenas estas e outras estratégias podem ser combinadas, mas também que “análise genealógica não pode ser separada da análise arqueológica”, sendo assim impossível “conduzir uma análise arqueológica do saber sem combiná-la com uma análise genealógica” (ANDERSEN, 2003, p. 17).

Embora a análise do discurso de Foucault seja separada de maneira frequente em arqueológica e genealógica conforme nos lembra Martínez-Ávila (2012), na prática não é possível separar-se claramente estes dois estágios nem mesmo quando identificadas como duas estratégias de análise discursiva. Entretanto alguns autores, como Budd, apontam algumas diferenças entre as duas abordagens: “Arqueologia e genealogia não são certamente mutuamente excludentes; elas exibem, contudo, alguns aspetos focais diferentes” (BUDD,

2006, P. 74). Mais especificamente, “abordagem genealógica examina de maneira mais explícita os caminhos que o discurso trilha não tendo em vista meramente o que o conhecimento reivindica, mas as relações baseadas no poder que definem ‘objetividade’ e que tentam legitimar as reivindicações do conhecimento” (BUDD, 2006, P. 74).

Há várias formas de entender o conceito de discurso, Pêcheux (1983), filósofo contemporâneo aos estudos de Foucault, o entende diante da perspectiva do acontecimento, da estrutura e da descrição, ou seja, o foco dele é trabalhar estes três elementos em relação ao contexto, retomando a materialidade do enunciado. Pêcheux duvida de como situar o objeto discurso, âncora sua dúvida na perspectiva da opacidade do acontecimento, ou seja, para o referido autor, o enunciado, na análise do discurso, possui materialidade, porém tal materialidade está inserida na opacidade do acontecimento.

A opacidade do acontecimento caminha para o sentido defendido por Pêcheux de que a linguagem está sujeita a ambiguidades; uma série de sentidos dentro da matriz dos dizeres; sendo assim, o acontecimento é opaco na medida em que há um emaranhado de vozes que se cruzam refletindo formações ideológicas plurais. A estrutura e o acontecimento não possuem uma distinção estrita para Pêcheux, pois os considera sempre em relação à sua exterioridade, ou seja, a exterioridade da estrutura de determinado discurso em paralelo com a exterioridade do acontecimento de outro discurso acarreta na perspectiva do interdiscurso/memória discursiva.

Segundo Pêcheux (1983, p. 89-90), “O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido”. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso [...]”. Desta forma, situa-se o interdiscurso no limiar do que já foi dito sobre determinada enunciação e se repete ao longo do tempo.

Para Pêcheux (1983) e Pêcheux e Fuchs (1993), toda formação discursiva dissimula, pela sua transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao “todo complexo dominante” das formações discursivas. Pêcheux defende que o discurso é a união do acontecimento, da estrutura e da descrição sob o viés que relaciona a língua com a ideologia.

Torna-se interessante mostrar alguns pontos de convergência teórica entre Foucault e Pêcheux. É possível trabalhar tal perspectiva realizando um paralelo entre o conceito de “Interdição” em Foucault e “Formação discursiva” em Pêcheux. Em “A ordem do discurso”, Foucault explica o conceito de interdição no limiar de uma espécie de pêndulo, ou seja, os dizeres são regulados pelo “poder dizer”, como ele bem assinala “não se pode falar de tudo em

quaisquer circunstâncias” (FOUCAULT, 1984, p. 9). Ou seja, esse poder dizer é revestido de uma série de elementos que tornam legítima a enunciação do autor, que nunca sendo neutro, carrega nesse dizer a perspectiva institucional.

Já Pêcheux (1983), fala de maneira muito semelhante sobre essas amarras no dizer, conceituando como “formação discursiva”; para o autor, esta determina o que pode ou não ser dito dentro de determinado contexto.

É importante pontuar que Foucault também se utiliza do conceito de formação discursiva, mas o entende enquanto a posição tomada pelo sujeito do discurso para que ele possa materializar a sua enunciação. É importante destacar que este paralelo entre Foucault e Pêcheux foi realizado para mostrar de forma sintética a riqueza conceitual da análise do discurso de matriz francesa e que este trabalho reflete metodologicamente o percurso arqueológico e genealógico de Michel Foucault. Com isso, após a identificação dos discursos, que passaram pelas ações discursivas emitidas, o passo seguinte da análise, considerado um dos mais importantes, consistiu no estudo de suas implicações, isto é, de seus efeitos discursivos.

Essa perspectiva analítica visa “fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 1999, p.26), não permanecendo na interpretação, mas trabalhando seus limites e mecanismos como parte dos processos de significação.

## **2.2 Análise do Discurso Literário: elementos para a análise**

Entende-se a Análise do discurso literário como uma corrente da Análise do discurso de matriz francesa levando em consideração que os conceitos e história destes possuem a mesma raiz: o fato do sujeito discursivo não ser neutro e refletir as formações discursivas e ideológicas em que está inserido. Sendo assim, separou-se uma subseção específica para a Análise do Discurso Literário para fins didáticos, pois parte dos elementos que serão discutidos teoricamente nesta subseção será, no próximo capítulo, sistematizada metodologicamente para que se torne possível a Análise discursiva dos contos da Clarice Lispector.

De acordo com Saarti (2019) a ficção possui natureza multimodal e interpretativa, o autor elenca como maior desafio o fato do conteúdo fictício não ter um significado único a ser analisado, sendo a análise por fim o resultado da interação entre o texto produzido pelo autor, o leitor e a sociedade na qual a interação se dá.

Saarti (2019) ainda descreve algumas abordagens experimentais para a análise do conteúdo de ficção sinalizando que vários pontos de entrada para ficção podem ajudar usuários a localizar livros, sendo assim a indexação de ficção é trabalhosa necessitando de tradições e diretrizes.

Uma das abordagens experimentais foi feita pelo próprio Saarti (2000) quando descreve um modelo para um sistema de busca e recuperação formado por cinco bases de dados principais nas quais estão inseridos os textos narrativos de ficção, a indexação de assuntos e resumos, a história de sua recepção pelos leitores, história dos escritores e a história cultural. Essa abordagem permite documentar os diferentes aspectos do documento.

Acredita-se que a Análise do Discurso Literário de Maingueneau (2016) possui um cabedal teórico que também permite a documentação dos diversos tipos de textos narrativos de ficção.

A análise do discurso literário âncora seus postulados nos dizeres de Dominique Maingueneau (2016).

Teórico francês, que segue de maneira horizontal os postulados de Michel Foucault e Michel Pêcheux. Dominique Maingueneau (2016) explica que o discurso literário possui peculiaridades partindo da premissa de que o discurso é efeito de sentido entre locutores, ou seja, o discurso seria o resultado de uma interação dêitica. Dêiticos são trabalhados no discurso literário de Maingueneau (2016) como elementos linguísticos que indicam e lugar e o tempo em que um enunciado é produzido, além dos participantes da enunciação, ou seja, do fato literário. Para o referido autor a materialização textual é absolutamente relevante, perspectiva oposta com a Análise do Discurso proposta por Foucault e Pêcheux explicitada na seção anterior deste trabalho.

Entende-se por materialização textual nesta tese os textos narrativos de ficção porque estes materializam crenças, valores, padrões e mais do que isso são considerados por Maingueneau (2016) como discursos constituintes:

Uma análise consequente do discurso literário deve fundar-se em conceitos e métodos do que parcela ponderável e válida para outros tipos de discurso. No sentido que lhe atribuímos, o discurso literário não é isolado, ainda que tenha sua especificidade: ele participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes. Categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência (MAINGUENEAU, 2016, p. 60)

Na citação acima Maingueneau (2016) destaca o caráter dialógico do discurso literário,

ou seja, as relações que se estabelecem com outros campos do conhecimento. Além disso, é dado um estatuto importante para a materialidade textual do discurso literário: o fato dele ser um discurso constituinte.

Esta expressão designa discursos de “origem”, “fonte”, “princípio”, ou seja, discursos constituintes são textos fundadores não só da literatura, mas também dá filosofia, religião, ciência, sendo estes validados por uma cena de enunciação que valida a si mesma.

Pelo fato do discurso literário ser um discurso constituinte, Maingueneau (2016) explica a relação de duplicidade que há com o interdiscurso:

De um lado as obras se alimentam de outros textos mediante diferentes procedimentos (citações, imitações, investimento de um gênero) e do outro elas se expõem à interpretação, à citação.

O fato literário desta tese são os contos que serão analisados, porém é necessário delinear algumas “ideias força” que nada mais são do que “representações mentais em que estão presentes um caráter intelectual” (MAINGUENEAU, 2016, p.14), ou seja, um esboço teórico guiado:

A primeira premissa deste esboço afirma que o discurso supõe uma organização transfástica, ou seja, a análise vai partir da frase para o texto, porém mobiliza estruturas de ordem diferentes das frases, ou seja, um advérbio contextualizado pode ser considerado um discurso na medida em que se submete a regras de determinada comunidade (MAINGUENEAU, 2016)

A segunda premissa coloca o discurso como uma forma de ação partindo do pressuposto de que toda enunciação forma um ato ilocutório. A teoria dos atos ilocutórios é de Searle (1995) e basicamente nos diz “que o locutor pronuncia uma determinada frase, num contexto específico, executa, implícita ou explicitamente, atos como afirmar, avisar, ordenar, perguntar, pedir, prometer, criticar.” Ou seja, nos contos de Clarice Lispector existe uma série de atos ilocutórios na medida em que a ação dos personagens vai delinear esta enunciação.

A terceira premissa coloca o discurso como interativo, neste momento Maingueneau (2016) nos explica que nem todo discurso está ligado à conversação, mas nem por isso a interatividade deixa de existir, pois há um intercâmbio implícito ou explícito entre os interlocutores e esta perspectiva que deve ser considerada.

A quarta premissa coloca o discurso como orientado, ou seja, a enunciação tem um destinatário, uma finalidade em si, o discurso não é dito sem algum propósito.

A quinta premissa diz que o discurso é contextualizado, isto é, o discurso literário aqui não intervém num contexto porque só há discurso contextualizado, o discurso literário em si

define seu contexto e tem o poder de modifica-lo ao longo da enunciação.

A sexta premissa diz que o discurso é assumido por um sujeito, por conta de o autor possuir um papel duplo: autor e narrador entra-se no âmbito que o discurso desses papéis vai pressupor um centro dêitico, ou seja, é o momento que será atribuída uma responsabilidade ao enunciado; pontos de referência de pessoa, tempo e espaço.

A sétima premissa diz que o discurso é regido por normas, sendo elas as normais sociais e também as normas do próprio discurso, para que um discurso seja legitimado como literário, por exemplo, é necessário que ele possua atos de enunciação que justifiquem o que está sendo apresentado e de que maneira.

A oitava premissa diz que o discurso deve ser considerado no âmbito do interdiscurso, ou seja, o discurso literário só fara sentido na medida em que se relacionar com enunciados externos a este discurso.

Sendo assim, através destas premissas, entende-se que o discurso literário está atrelado às condições do dizer que permeiam o dito (MAINGUENEAU, 2016). O dito remete as condições de enunciação; o modo de posicionamento do autor, os papéis vinculados aos gêneros, a relação com o destinatário, os modos de circulação do enunciado.

Em Maingueneau (2016) a noção de autor, está mais próxima a de um enunciator com nome próprio; indivíduo que enunciou um discurso, em contrapartida, Foucault (1971) em “O que é um autor?” Constrói uma argumentação que leva para o entendimento de autor mais próximo de uma função, que não pressupõe a existência obrigatória de um indivíduo real e exterior como em Maingueneau (2016).

Para Foucault (1971) o autor é percebido como abstrato porque faz parte de uma operação complexa formada por relações de poder desencadeando assim em uma função; como certos discursos existem, funcionam e circulam na sociedade. Almeida (2008) categoriza a “função autor” enquanto formada por dimensões:

A função-autor habita o universo dos discursos. Podemos nos referir a ela sob diversos pontos relevantes. Contudo, ela surge devido a uma captura de discursos composta por diversas dimensões: a **"legal"** – relacionada à noção de responsabilização; a **"jurídica"** – referida ao problema da propriedade; a **"estética"** – marcada pela problemática da originalidade; e a **"referencial"** – que aponta para o nome do autor como princípio de ordenação na trama discursiva. (ALMEIDA, 2008, grifo nosso)

Teria sido Clarice Lispector uma leitora de Michel Foucault? Se sim sua passagem pela cena literária brasileira buscava, de certa forma, subverter o conceito de "função autor" pelo fato dela não corrigir os erros de grafia em relação ao seu primeiro nome “Clarise” ao se deparar

com as matérias de jornais divulgando seus livros, elemento este que foi percebido em visita a seu arquivo pessoal na Casa de Rui Barbosa.

Em uma pasta organizada por Olga Borelli e Clarice uma série de recortes de reportagens que citavam os lançamentos da autora com a grafia errada ao seu primeiro nome; fato curioso é que todas as vezes que eles a citavam com s o documento recebia um grifo em vermelho e nada mais.

Seria a Clarice "brincando" com a função autor e "dizendo" pra Foucault que a dimensão referencial nesse caso não se efetivava? Fato é que Clarice não conseguiu passar despercebida, ela não queria carregar o peso da dimensão de poder que seu nome passaria a ter e ecoar por isso dizia nas entrevistas que não era autora, mas sim que escrevia livros...

### **3 ANÁLISE DOCUMENTAL E TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO: Orientações e modelos**

Ao mesmo tempo em que é necessário que textos narrativos de ficção sejam recuperados de maneira rápida e precisa, há a necessidade de que esta representação seja feita por meio de um processo padronizado e defensável. Considerando que esse processo construirá pontes temáticas entre materiais de informação e comunidades de usuários e que não há neutralidade neste fazer, faz-se necessário contextualizá-lo a partir da sua perspectiva conceitual.

Para tanto, essa seção está dividida em três subseções: a primeira tratará sobre os fundamentos teóricos da Organização do Conhecimento fazendo uma ligação com Análise Documental, Leitura Documental e suas estratégias cognitivas e metacognitivas. A segunda subseção será construída a partir de buscas empreendidas nas bases de dados BRAPCI e LISA pelos termos “Leitura documenta\*” e Modelo de leitura”. A terceira subseção trará as percepções acerca das buscas empreendidas em websites oficiais de bibliotecas, como por exemplo: LOC, BN e UNESP com o intuito de recuperar documentos e conteúdos que envolvam políticas de indexação e orientações para tomada de decisão em relação à Leitura Documental.

#### **3.1 Organizações do Conhecimento: fundamentos teóricos**

A Organização do Conhecimento abrange um vasto campo de pesquisa e prática englobando estudos sobre os processos que organizam o conhecimento com o objetivo de construir representações do conhecimento fundamentadas na análise do conceito, seus atributos e suas relações de significação com um sistema nocional de um domínio (CAFÉ; BRASCHER, 2011).

Foucault (1996, p. 58) pondera que:

Não há nada mais empírico do que a instauração de uma ordem para as coisas, nada exige um olhar tão atento, uma linguagem mais fiel e melhor modulada. Nada exige com maior insistência que não nos deixemos levar pela proliferação de qualidades e formas.

Para Foucault, uma organização do conhecimento reflete essa necessidade primária de ordenar as coisas, pois é inviável existir materiais em diversos formatos para consulta se não houver uma ordem para que, primeiramente, esses materiais sejam encontrados. Sendo assim, partindo de uma necessidade prática, que segundo Hjørland (2016) começou através da

iniciativa de professores nas universidades de todo o mundo de institucionalizar o que é entendido por conhecimento através de ensino, pesquisa, publicações, conferências nacionais e internacionais nasce a Organização do Conhecimento.

Segundo Barité (2001), a Organização do Conhecimento oferece subsídios teóricos ao que seja referente ao tratamento da informação, especialmente o tratamento temático da informação, mas também abarca a gestão do uso social da informação.

A Organização do Conhecimento, enquanto disciplina, teve como marco inicial a saída da Dahlberg do grupo de estudos sobre matemática e lógica, do qual fazia parte, para a fundação do grupo *International Classification* que posteriormente mudou o nome para *International Society for Knowledge Organization*.

Barité (2001) afirma que há uma relação indissociável da Biblioteconomia e Documentação com a Organização do Conhecimento. Em seguida, começa um percurso histórico sobre os filósofos que se dedicaram a organizar o Conhecimento. Sendo assim, entende-se que quando o autor começa a definição de Organização do Conhecimento fazendo o direto paralelo com a Biblioteconomia e a Documentação, aquele estava apenas querendo nos mostrar de maneira específica como ele entende a Organização do Conhecimento de acordo com suas matrizes ideológicas e institucionais puramente discursivas.

O primeiro filósofo que Barité (2001) retoma é Aristóteles explicando que é impossível não o citar, pois o mesmo ofereceu a maioria das bases lógicas e epistemológicas do conhecimento que ainda hoje fazem sentido. Em seguida, explica-nos que o momento de cisão da Ciência com a Filosofia provocou um fenômeno que deslocou essa “custódia” para a Igreja.

Depois o autor dá um salto na História e situa a Revolução Industrial como marco importante para a Organização do Conhecimento, pois “[...] devido à generalização das bibliotecas públicas como um suporte educativo e cultural [...] começa a se expressar a necessidade de que instrumentos específicos para armazenamento sejam criados e reorganização dos documentos de uma maneira estruturada” (BARITÉ, 2001, p. 39).

Barité (2001) explica a origem da expressão Organização do Conhecimento, em inglês *Knowledge Organization* (KO), remetendo ao livro de Henry Bliss, editado em 1933, e intitulado *Organization of Knowledge in Libraries*, e por fim a Soergel que em um evento da área propôs a expressão KO que foi bem aceita pelos pares da comunidade epistêmica da área.

Barité (2001) cita Esteban Navarro (1995) e Dalhberg (1993), para o primeiro autor a Organização do Conhecimento se articula como o espaço de integração das Ciências

Documentais<sup>1</sup>, enquanto a segunda autora explica a necessidade tácita que as coisas possuem de ter uma ordem para que seja viável a transformação delas em conhecimento disponível para todos os públicos fomentando a tomada de decisões políticas, culturais, industriais, comerciais e sociais.

É possível afirmar que a definição de Esteban Navarro (1995) para a Organização do Conhecimento trazida por Barité (2001) se apresenta como a parte de um processo informacional, pois explica que é o lugar em que as Ciências Documentais<sup>1</sup> se integram, ou seja, é o momento em que elas se reúnem e formam uma amálgama porque integração pressupõe uma fusão e o resultado desta fusão seria então o conhecimento socializado. Entendendo por Ciências Documentais, a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia, situam-se as ciências documentais como as responsáveis por realizar a gestão deste processo informacional. Neste texto, Dalhberg (1993) não define explicitamente a Organização do Conhecimento, mas sim mostra como é natural o processo de ordenar a informação para que esta se transforme em conhecimento, e que a apropriação desse conhecimento é fundamental para a tomada de decisões políticas, culturais e sociais.

O objeto de estudo da Organização do Conhecimento é o conhecimento registrado e socializado e como disciplina é responsável pelo desenvolvimento de técnicas para a construção, gestão, uso e evolução das classificações científicas, taxonomias e linguagens documentais (BARITÉ, 2001).

O objeto e a disciplina possuem consonância, pois o conhecimento socializado possui maiores chances de ser recuperado se a Organização do Conhecimento estudar enquanto disciplina as técnicas para a evolução das classificações científicas, taxonomias e linguagens, sendo assim, objeto e disciplina se completam.

Barité (2001) elenca dez premissas básicas para a Organização do Conhecimento, explicando que elas são responsáveis pela justificativa intelectual da área.

A primeira premissa nos traz que “o conhecimento é um produto social, uma necessidade social e uma dinâmica social”. Segundo o referido autor esta definição é antiga e Max Weber nos explica que cultura significa tudo que o homem agregou à natureza. Seguindo esse raciocínio, o conhecimento seria o registro social de tudo que o homem se apropriou da natureza. O autor alerta ainda para o caráter mutável do conhecimento explicando que lidamos com um arsenal de verdades provisórias e sujeitas a revisão constante.

---

<sup>1</sup> Ciências Documentais são consideradas nesta tese pela concepção de Otlet que as entende como as ciências responsáveis por cuidar do ciclo dos documentos, desde sua criação até seu uso. São exemplos de Ciências documentais a biblioteconomia, a arquivologia e a museologia. A documentação por outras vertentes contempla às atividades de microfilmagem, por exemplo, entendida como biblioteconomia especializada,

A segunda premissa explica que o conhecimento se realiza a partir da informação que ao se socializar transforma-se em informação. Para que esta segunda premissa faça sentido Barité (2001) nos explica que é necessário entender a informação dentro da Organização da Informação e o Conhecimento dentro da Organização do Conhecimento.

Nesta premissa temos é importante retomar o fluxo helicoidal da informação de Guimarães (2008), que nos explica que quando certo conhecimento é produzido, registrado, organizado, socializado e apropriado isso irá gerar um novo conhecimento que passará pelo mesmo processo em movimento infinito, por isso a referência à natureza helicoidal dos processos informativos.

Situa-se, então, a terceira premissa a seguir: “A estrutura e a comunicação do conhecimento formam um sistema aberto”. Para explicar esta premissa é possível entender segundo o referido autor que todo conhecimento é hipotético, ou seja, está aberto para receber modificações e alterações constantemente. O autor explica que se fosse possível desenhar um mapa do conhecimento seria possível visualizar que a sua geografia muda continuamente porque as sociedades se encarregam de fragmentá-lo, reagrupá-lo, diversificá-lo e modificá-lo, ou seja, temos então um dínamo social, político e ideológico que determina estas modificações.

A questão é trazida para fins práticos da área e explica-se o efeito da dinâmica do conhecimento exerce sobre as classificações científicas, as taxonomias, os códigos e as nomenclaturas especializadas fazendo com que estas mudem constantemente, porém é feito um parêntese quando o assunto são as linguagens documentais. O autor explica que essas não acompanham esse processo de atualização e reorganização de conceitos. Aqui, reitera-se a importância desta tese ao discutir sobre a superfície textual e as singularidades, neste caso dos textos narrativos de ficção.

A quarta premissa de Barité (2001) explica que o conhecimento deve ser organizado para seu melhor aproveitamento individual e social. Esta premissa se vê como puramente discursiva e ideológica, pois organizar para melhor aproveitamento individual e social vai depender das idiosincrasias de cada grupo social.

Barité (2001) ressalta que todo conhecimento deve se organizar porque em todos os níveis de comunicação deve existir um sistema de conceitos estável que permita o recíproco entendimento e comunicação dentro dos mesmos e diversos estratos socioculturais.

Sendo assim é possível dizer que o foco dessa premissa é alertar que não se deve perder de vista que a organização só faz sentido se houver uma apropriação individual e social, sendo esta apropriação ideológica porque vai depender das singularidades de cada grupo social, ou seja, a unidade de informação na representação da informação deve levar em conta essas

peculiaridades.

Já a quinta premissa de Barité (2001) nos explica que “existem n formas possíveis de organizar o conhecimento”, e usa a multiplicidade de opções de sistemas de classificação e tesouros para exemplificar isso. Olga Pombo no seu clássico artigo “da classificação dos seres à classificação dos saberes” afirma que as classificações são inerentes ao ato de pensar do ser humano e para tanto existem ela elenca alguns tipos de classificação:

Diemer (1974, p. 145) identifica quatro grandes orientações, a saber: uma orientação ontológica (classificação dos seres), uma orientação gnosiológica (classificação das ciências), uma orientação biblioteconômica (classificação dos livros) e uma orientação informacional (classificação das informações). (POMBO, 1998, p. 2).

Os sistemas de classificação se enquadram dentro do conceito de Sistemas de Organização do Conhecimento que

[...] é um termo genérico usado para se referir a uma ampla variedade de itens (por exemplo, títulos de assuntos, tesouros, esquemas de classificação e ontologias), que foram concebidos com relação a diferentes finalidades, em momentos históricos distintos. Eles são caracterizados por diferentes estruturas e funções específicas, maneiras variadas de se relacionar com a tecnologia e usados em uma pluralidade de contextos por diversas comunidades. No entanto, o que todos eles têm em comum é que foram projetados para apoiar a organização do conhecimento e da informação a fim de facilitar o gerenciamento e a recuperação (MAZZOCCHI, 2018).

Mazzocchi (2018) explica ainda que não se pode esquecer grande multiplicidade de acessos disciplinares que pode existir em um só assunto, cada assunto pode ser alcançado por um maior número de especialidades, com enfoques e ponderações complementares e até mesmo contraditórias.

Barité (2001) exemplifica com o assunto “vício em drogas” a multiplicidade de representações que este pode ter dependendo da área do conhecimento em que será abordado: um profissional de medicina o foco será representar visando às consequências orgânicas da droga no organismo dos usuários de drogas, já para um juiz talvez se trate de uma questão penal ou uma circunstância agravante de uma conduta.

A sexta premissa de Barité (2001) explica que “toda organização do conhecimento é artificial, provisória e determinista” Essa premissa se ancora em postulados filosóficos essências para o entendimento de que organizar o mundo segundo um código sempre será

limitante, ou seja, certezas inquestionáveis não existem visto que tudo vai depender da formação discursiva e ideológica à qual o código estará ancorado. Sendo assim, toda organização do conhecimento será artificial porque vem como resultado de uma construção abstrata levantada sobre pressupostos particulares, assim que os pressupostos mudam a construção abstrata também mudará.

A sétima premissa de Barité (2001) diz que “o conhecimento se registra sempre em documentos, como conjunto organizado de dados disponíveis, e admite usos indiscriminados”. Barité (2001) explica esta premissa questionando se o conhecimento de fato sempre irá ser registrado como documento, pois muitas vezes indivíduos possuem conhecimento, mas sem a questão do registro. Porém, para a nossa área, o registro é resultado de um processo documental de preservação, organização e disposição ao uso desses documentos.

Já a na oitava premissa, Barité (2001) diz que “o conhecimento se expressa em conceitos e se organiza mediante sistemas de conceitos”. Para o referido autor conceito é uma unidade concentrada de conhecimento, mas ele alerta para o fato de que nenhum conceito funciona de maneira isolada, ou seja, um conceito é construído a partir da relação entre outros conceitos. Todo o saber humano dividido em áreas e subáreas disciplinares se apoia em estruturas ou sistemas de conceitos organizados com atributos lógicos e essa lógica sempre é ideológica porque, ao se escolher certos atributos em detrimento de outros, possui uma carga política que determina o que pode ou não ser conceito dentro das classificações científicas e as taxonomias, por exemplo.

A nona e penúltima premissa diz que “os sistemas de conceitos se organizam para fins científicos, funcionais ou de documentação”. Nesta premissa Barité (2001) ressalta as limitações das classificações bibliográficas explicando o paralelo que há entre as classificações funcionais e as bibliográficas, pois nas classificações funcionais o sistema de conceitos vai ser o mais simples possível para organizar uma necessidade específica, como por exemplo, a distribuição de produtos no supermercado. Já as classificações bibliográficas vão se utilizar de linguagens documentais e mesmo possuindo outro sistema de conceitos a aplicação será limitada e insatisfatória.

A décima e última premissa diz que “as leis que regem a organização de sistemas de conceitos são uniformes e previsíveis, e se aplicam por igual a qualquer área disciplinar”. Barité (2001) ressalta que esta premissa possui importância decisiva para todos aqueles que lidam com a organização de um determinado domínio. Isto é, as leis gerais para a planificação de um tesouro, por exemplo, poderão ser incluídas em qualquer área do conhecimento, claro que para isso, essas leis deverão ser identificadas, caracterizadas e enunciadas. Esta última premissa

conversa com o objetivo geral da tese que é construir uma orientação de leitura literária discursiva.

Enquanto um dos principais processos de organização do conhecimento destaca-se a seguir a Análise Documental.

De acordo Clauso Garcia (1993), Chaumier (1971, 1988), Gardin et al (1981), García Gutierrez (1989), Cunha (1987), Pinto Molina (1989), Ruiz Perez (1992), Coyaud (1966), e Guimarães (2003), a Análise Documental pode ser descrita como uma série de estratégias com o objetivo de identificar o conteúdo do documento para que possa ser realizada a sua síntese e representada nos catálogos e vocabulários controlados, por exemplo.

Com o intuito de sinalizar que há diversas concepções de Análise Documental retomase o seguinte quadro explicativo:

**Quadro 1** - Definições de análise documental

Autor	Definições
<b>GARDIN et al., 1981</b>	Um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação (p. 29).
<b>GARCÍA GUTIÉRRES, 1989</b>	É uma operação e aplicação de técnicas intelectuais específicas e normalizadas de análise a um coletivo documentário, com finalidade de se fazer o controle e utilização na recuperação. Com o foco no tratamento global tanto de análise quanto de recuperação, centrando no direcionamento de uma atividade metódica, sistemática e dinâmica em um fundo documental, por meio da análise como meio de organização e controle, que potencializa a recuperação posterior (p. 77-78).
<b>COYAUD, 1966</b>	Uma operação ou conjunto de operações que venham a representar o conteúdo de um documento de uma forma diferente do original, para facilitar a consulta e posterior recuperação. Um documento de qualquer tipo, não pode ser registrado em um sistema documentário em sua forma primária, por causa de seu tamanho, complexidade e apresentação. Sendo assim, esse deve ser transformado, como uma estrutura de um modelo geral para um dado sistema, afim de que as operações de armazenamento e busca possa ser realizada (p. 5).

<b>CHAUMIER,1971</b>	A análise documental é uma operação, ou um conjunto de operações, que se destina a representar o conteúdo de um documento numa forma diferente da sua forma original, a fim de facilitar a consulta ou a referenciarão num estágio anterior. Um documento, seja ele qual for, não pode ser registrado num sistema documental sob a sua forma primária, em virtude do seu comprimento, complexidade e apresentação. Deve ser transformado no âmbito de um modelo geral, para um dado sistema, a fim de as operações de memorização e procura poderem ser efectuadas. A análise documento é uma operação intelectual, mais ou menos complicada, consoante o grau de elaboração e subtileza, que dá origem a um subproduto ou documento secundário (secundário relativamente a informação, denominada documento primário), subproduto diversificado de acordo com o método de análise utilizado (p. 15).
<b>RUIZ PEREZ, 1992</b>	Conjunto de operações que tende a representar o conteúdo de um documento, de forma distinta do original. Sua segunda acepção se estabelece em extrair do documento um conjunto de termos que se sirva para a representação e condensação do mesmo (p.56).
<b>PINTO MOLINA, 1989</b>	É constituída por um conjunto de operações (sendo algumas de ordem intelectual, outras mecânicas e repetitivas) que afetam o conteúdo e a forma dos documentos originais, os reelaborando e os transformando em outros de caráter instrumental ou secundário, com o objetivo de facilitar ao usuário a identificação precisa, a recuperação e disseminação (p. 328).
<b>CLAUSO GARCIA, 1993</b>	É um conjunto de operações distintas, que buscam representar o conteúdo e a forma de um documento, com o objetivo de facilitar sua consulta e recuperação (p. 11).
<b>GUIMARÃES, 2003</b>	Visa à aplicação de critérios de natureza descritiva (física) ou temática (de conteúdo) aos distintos suportes informacionais, de modo a que os mesmos possam ser localizados (no primeiro caso) e acessados em termos de assunto (no segundo caso) (p. 102).
<b>CUNHA,1987</b>	Comumente a Análise Documentaria (AD) e definida como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação (p. 38).
<b>PINTO E GALVEZ,1999</b>	Processo duplo de identificação e representação do texto/documento (p. 31).

**Fonte:** Cândido (2014, p. 80) baseado em Moraes (2011)

Segundo Cunha et al. (1987), a Análise Documental auxilia o bibliotecário no momento de identificar e sintetizar o conteúdo de documentos técnico-científicos. No caso dos textos narrativos de ficção há particularidades que devem ser observadas.

Parte-se do pressuposto de que a Análise Documental trabalha diretamente com a linguagem e é responsável por elaborar linguagens documentais. Neste momento a linguística oferece ricos subsídios teóricos exemplificando, por exemplo, as relações paradigmáticas e sintagmáticas.

O eixo sintagmático rege os agrupamentos possíveis dos diferentes campos linguísticos; já o eixo paradigmático reflete as relações existentes entre os signos capazes de assumir a mesma função. Este entendimento é primordial no momento de realizar a tradução da linguagem natural para a linguagem documental.

A Análise Documental é uma das vertentes de:

[u]m universo epistemológico do TTI [Tratamento Temático da Informação], ao lado da indexação (de tradição inglesa, com ênfase nos instrumentos de tratamento temático) e da catalogação de assunto (de tradição norte-americana, cuja ênfase recai sobre o catálogo enquanto produto desse tratamento) (GUIMARÃES, 2009, p. 105)

A Análise Documental nesse sentido se configura como um referencial teórico metodológico para o tratamento temático da informação.

De acordo com Fox (2005, p. 25), a Análise Documental abrange um processo comunicativo onde um conjunto de operações cognitivas de natureza analítico-sintética transforma através do reconhecimento e da representação do conteúdo do documento original fornecendo base para a pesquisa científica.

Segundo Chaumier (1988, p. 27), Análise Documental abrange dois tipos de tratamentos diferentes: a condensação que se vale de uma redução do texto para fins de difusão da informação, e a indexação, que se vale da extração de conceitos para servir de apoio a recuperação.

A partir da leitura de Dias (2007), percebe-se a necessidade de diferenciar as etapas da descrição temática de documentos a partir do entendimento que “Análise documental” “Análise de assunto” não podem ser encaradas de forma ingênua como “maneiras de descrever um mesmo processo”.

Segundo os referidos autores, é necessário um cuidado conceitual porque há muita confusão entre os teóricos da área no que tange a variações terminológicas:

Desde logo, deve-se alertar o leitor para problemas de variação terminológica nessa área, inclusive em língua estrangeira. Neste livro, utiliza-se principalmente a expressão análise de assunto, mas, em língua portuguesa encontram-se ainda expressões como análise conceitual, análise temática, **análise documentária** e análise de informação entre outras (DIAS, 2007, p. 9).

Esta confusão em relação ao real significado do termo gera dificuldades para indexadores, professores que ensinam sobre a temática e, por conseguinte, pesquisadores.

A tese segue a linha francesa, Análise Documental, e desta maneira entende as etapas da descrição temática da seguinte maneira: análise ou exame do documento, apreensão do significado do documento através de uma operação semântica que visa a selecionar palavras-chave que representem o conteúdo temático do texto, extração ou atribuição de termos significativos, seleção dos termos e representação ou tradução por meio de uma linguagem documental. Quando estiver tratando especificamente sobre a etapa de identificação do conteúdo do texto será usado o termo “Análise”

A linha norte-americana usa o termo “Análise de Assunto” e tem um enfoque mais pragmático na construção dos registros catalográficos, na construção do próprio catálogo.

Em síntese, a Análise Documental é operacionalmente um tratamento documentário de conteúdo com o objetivo de criar representações condensadas, essas representações podem se materializar em resumos, cabeçalhos de assunto, descritores de indexação e, conseqüentemente, índices.

Há uma série de definições de diferentes teóricos sobre indexação e acredita-se ser importante trazê-las aqui em forma de quadro:

**Quadro 2 - Conceitos de indexação**

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
<b>ABNT (1992)</b>	“[...] Ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação” (p. 2)
<b>UNISIST (1981)</b>	“[...] como a ação de descrever e identificar um documento de acordo com seu assunto” (p. 84)
<b>CHAUMIER (1971)</b>	“[a] indexação constitui a parte mais importante do processo de análise documentária” se tratando de uma combinação metodológica estratégica entre o tratamento do conteúdo dos documentos e sua recuperação por um usuário” (p. 42)
<b>NAVES (1996)</b>	“A ação de identificar e descrever um documento de acordo com seu assunto é chamada ‘indexação’. Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento, através de um processo de análise e, então, traduzidos para os termos de instrumentos de indexação (tais como tesouros, listas de cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação etc.)”
<b>GUINCHAT E MENO (1994)</b>	“A indexação como uma das formas de descrição de conteúdo. É a operação pela qual se escolhem os termos mais apropriados para indicar o conteúdo de um documento (p. 176)
<b>LANCASTER (2004)</b>	Implica na preparação de uma representação do

	conteúdo temático dos documentos. Consiste em um dos processos mais importantes do trabalho do bibliotecário, porque objetiva representar o conteúdo de um documento, por meio de termos extraídos de um texto original (p. 6)
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

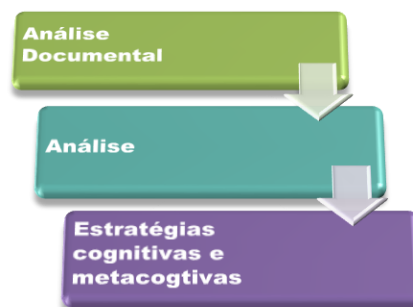
Fujita (2007) se aproxima das definições clássicas, do quadro acima, sobre indexação e sintetiza que é possível considerar a indexação segundo dois pontos de vista distintos. O primeiro diz respeito a um processo que consiste na descrição e identificação de um documento com ajuda de representações de conceitos que estão neste documento, o segundo diz respeito à sua finalidade tornando capaz a busca e o acesso à informação armazenada no documento.

Fujita (2007, p. 24) explica que baseia suas inferências sobre indexação norteando-se nos Princípios de Indexação do World Information System for Science And Technology (1981, p. 84):

Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento através de um processo de análise, e então traduzidos para os termos de instrumentos de indexação (tais como tesouros, listas de cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação, etc.).

A análise e tradução de termos se configuram como um processo primordial no momento da indexação necessitando que o profissional se valha de estratégias cognitivas e meta-cognitivas para a efetiva realização do procedimento

**Figura 1** – Foco da tese



**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

A figura acima não busca mostrar uma relação de dependência entre os processos, mas sim de cooperação natural que leva de uma etapa para outra, configurando o caráter sistêmico existente.

A análise documental consiste na descrição das informações que estão no documento. Após esse momento de descrição do documento em linguagem natural será necessário realizar a tradução desta descrição em uma linguagem documental.

A linguagem natural pressupõe uma língua que não é uma sucessão de palavras correspondentes e outras equivalentes. “É um sistema-estrutura de valores e formas. Os sistemas de valores não são construções particulares de um indivíduo; são, antes, o resultado de todo um contexto sócio histórico que determina as condições de produção do discurso” (CINTRA et al, 2002, p. 31).

Em contrapartida as linguagens documentárias “[...] possuem um status muito particular: por meio delas pode-se representar de maneira sintética, as informações materializadas nos textos. Sua função comunicativa é restrita a contextos documentários” (CINTRA et al, 2002, p. 34)

Basicamente, o resultado da tradução da linguagem natural para uma linguagem documental é a indexação propriamente dita.

A tradução da linguagem natural para a linguagem documental pressupõe ideologias porque a tradução é feita por um indivíduo que possui uma visão de mundo e com o poder de nomear. Milani e Guimarães (2018) retomam a perspectiva de Hope Olson ao explicar que:

A atribuição de nomes às coisas exige esforços para que uma autoridade seja imposta por meio da linguagem, ensina Olson (2002). Esse controle imposto à linguagem não é baseado nas características e necessidades de cada indivíduo, mas em um padrão que ampare uma comunidade de usuários. Pode ser que, ao criar um substituto documental, o bibliotecário o faça de uma maneira tendenciosa, evocando, consciente ou inconscientemente, suas crenças e seus valores éticos, ou, ainda, veiculando preconceitos [...] (MILANI; GUIMARÃES, 2018, p. 77).

Neste trecho, os referidos autores destacam a responsabilidade que o bibliotecário assume ao ter que realizar traduções de linguagem natural para linguagem documental abrangendo toda a comunidade de usuários de uma biblioteca, perspectiva esta que se torna impossível de ser realizada porque cada indivíduo carrega uma bagagem cultural, ideológica, política e social que é repleta de idiosincrasias que um padrão de linguagem documental não alcança.

Porém, quando o bibliotecário possui a postura ética de conhecer as singularidades da comunidade de usuários como um todo, essa representação poderá ser feita de maneira fidedigna.

A questão de perpassar crenças pessoais, valores éticos e possíveis preconceitos são de ordem cognitiva e metacognitiva.

Neves, Dias e Pinheiro (2006, p. 141) explicam que na Ciência da Informação a questão da cognição é tratada na área denominada “processamento textual” sendo essa uma atividade cognitiva que prevê dois processos básicos de leitura: 1) o reconhecimento de palavras, e 2) a compreensão do texto como um todo.

Os autores retomam pesquisadores que trabalham com modelos cognitivos que ressaltam a importância do conhecimento prévio, da capacidade de fazer inferências, das funções da memória e uso de esquemas estratégicos no processamento da leitura e compreensão textual.

Para compreender um texto, os indivíduos lançam mão de todo o conhecimento prévio armazenado na memória de longo prazo, demandando, inclusive, possíveis esquemas de procedimento existentes na memória semântica. O conhecimento anterior facilita o processamento do texto e a compreensão, por oferecer uma estrutura na qual o conteúdo do material lido possa ser relacionado. A integração do conhecimento passado com o texto que está sendo lido permite aos leitores formar o que é chamado por Van Dijk e Kintsch (1983) e Kintsch (1998) de “modelo situacional”. Este consiste na combinação das informações (ou proposições – unidades abstratas de significado) retiradas do texto com as proposições formadas a partir de conhecimentos gerais preestabelecidos e da experiência pessoal dos leitores (NEVES; DIAS; PINHEIRO, 2006, p. 142).

Nesta citação é possível perceber que um texto não é lido a partir do zero, mas sempre carrega uma série de outros conhecimentos adquiridos anteriormente que ajudam na compreensão do material lido. Para Van Dijk e Kintsch (1978), essa integração de conhecimentos denomina-se “modelo situacional que consiste na fusão de informações prévias de ordem pessoal com as informações recém-apreendidas do texto”.

A cognição é compreendida como os processos mentais inconscientes de uma pessoa, já a metacognição refere-se ao gerenciamento consciente acerca de um fenômeno cognitivo pelo indivíduo (CINTRA, 1987).

É possível fazer um paralelo entre esses processos cognitivos e a Análise do discurso de matriz francesa, pois, para Pêcheux (1983), este primeiro processo, o de cognição, está na ordem da sua teoria do “esquecimento 1” em que o sujeito se coloca como origem do que diz,

apagando e rejeitando de modo inconsciente o que não está inserido na sua formação discursiva. Já o “esquecimento 2” se relaciona com a meta-cognição a partir do momento em que o sujeito tem uma pré-consciência privilegiando certos dizeres ao invés de outros. Fazer este paralelo com a Análise do discurso é importante porque se pode verificar que nunca há neutralidade do sujeito, nem mesmo no momento da leitura.

Segundo Neves, Dias e Pinheiro (2006), durante a leitura de qualquer indivíduo há a execução de uma série de tarefas: identificação das informações relevantes, leitura das partes mais importantes, leitura em voz alta, formação de inferências, tomam notas, fazem pausas para pensar sobre o que foi lido, buscam-se padrões textuais.

Sobre essas etapas, Pressley (2000) identifica quatro estratégias de compreensão textual recorrentes: predição, questionamento, busca por esclarecimento quando a compreensão está confusa e resumo.

A leitura para fins documentários possui uma série de estratégias e, de acordo com Fujita, Nardi e Santos (1998), as estratégias ascendentes denominadas como “*botton up*” em que o leitor lê em relação ao contexto escrito, caminhando da parte para o todo, e as estratégias descendentes denominadas “*top down*” em que o foco está no conhecimento prévio do leitor, que irá fazer inferências, criar esquemas mentais a partir da memória. Segundo as referidas autoras, Kato (1987) denomina como leitor experiente o que se utiliza de ambas as estratégias.

Na busca pelo entendimento de que modo o indexador realiza o processo de leitura no seu dia a dia Farrow (1991) verificou que o entendimento prévio sobre o que está sendo lido é primordial, entende-se a compreensão como um processo limitado na medida em que é inviável que um indexador conheça de forma aprofundada sobre todos os assuntos de todos os livros, o referido autor cita Van Dijk e Kintsch (1978) buscando adequar o modelo de produção e compreensão textual à descrição do processo de leitura do indexador.

Uma questão que Neves, Dias e Pinheiro (2006) e Fujita (1998) buscam responder é: a leitura do indexador é diferente da leitura de um não indexador? Para tanto, em ambos os artigos, há a aplicação de uma técnica que busca identificar os processos que ocorrem durante a leitura do indexador denominada protocolo verbal.

Segundo Fujita (1998), o protocolo verbal surge nas ciências cognitivas através da pesquisa qualitativa em Psicologia na década de 1980. Em um primeiro momento o modelo foi questionado por conta do Behaviorismo, passando a ganhar maior credibilidade com o advento da Psicologia Cognitiva, ultrapassando-a e fazendo interdisciplinaridade com os estudos da Linguística Aplicada nos EUA.

Fujita (1998, p. 107) explica que no Brasil o protocolo verbal chegou como instrumento

de uma série de dissertações da PUC do curso de linguística aplicada ao ensino de línguas. Uma dessas dissertações foi a de Nardi (1993) que serviu como base metodológica para que Fujita fizesse a interdisciplinaridade da Linguística com a Ciência da Informação passando a testar o modelo para entender o processo de leitura do indexador.

A importante contribuição de Nardi (1993) para o insight de Fujita (1998) foi constatar que ao “Pensar Alto” uma pessoa pode fornecer dados de “*Think aloud*” e de “*Talk aloud*” por conta do seu envolvimento com a leitura, indo da introspecção até a retrospectção.

Nesse contexto, a técnica do protocolo verbal desenvolve-se através dos seguintes procedimentos. Primeiro é realizada a seleção de um texto base, ou seja, um corpus que será analisado. Em seguida, são selecionados os sujeitos, neste caso, os indexadores de determinada unidade de informação por exemplo. O próximo passo se dá numa conversa informal com os sujeitos buscando mostrar o objetivo da pesquisa e a preocupação ética em manter em sigilo a identidade de todos os envolvidos. Em seguida a tarefa é familiarizar os sujeitos com a técnica de *Think Aloud* (Pensar alto), ou seja, não reprimir nenhum pensamento durante a leitura, descrever o que a mente está processando. Por fim, é realizada a gravação do pensar alto no momento em que o texto base estiver sendo lido, seguida de uma entrevista retrospectiva para esclarecer dúvidas do pesquisador, encerrando o processo com a transcrição dos protocolos verbais dos sujeitos, buscando destacar sua compreensão, dúvidas, identificação e seleção de termos.

A leitura documental é de suma importância no processo de análise documental porque é nesse momento em que há a identificação e seleção dos conceitos que irão representar o documento. No processo da leitura o foco é identificar o tema, conteúdo intrínseco ao documento e também o conteúdo de interesse para os usuários.

Neste momento adentramos no âmbito do estudo do significado do conteúdo, “*aboutness*” que foi discutido pela primeira vez na área de Ciência da Informação por John Hutchins, em 1977 ao se perguntar “do que se trata esse documento?”.

Segundo Moraes (2011), o tema é o assunto descrito no índice ou vocabulário relacionado ao documento e possui diversos significados dependendo do contexto.

Para Dias (2007), o termo *aboutness* significa atinência, concernência, tematicidade do documento. Para Fairthorne (1969), “*aboutness*” é caracterizado como propriedade de alguns tipos de discursos. Nesta tese, entende-se “*aboutness*” como a tematicidade intrínseca ao documento.

Para Cesarino e Pinto (1980), existem dois momentos em que é feita a análise de assunto do documento: o primeiro momento diz respeito ao assunto propriamente dito; “extensional”,

e “intencional” seria o motivo pelo qual o documento foi adquirido pela biblioteca ou requerido pelo usuário, ou o sentido que foi atribuído para aquele documento ainda que diferente da sua atinência.

Na análise extensional, a atinência do documento é o foco, ou seja, busca-se encontrar o assunto do documento que é entender em poucas palavras do que se trata o documento que está sendo analisado. Como no universo das ciências sociais a questão se dá tencionando um ponto de vista é importante uma abordagem que dê conta dessas dimensões. Desta maneira Dias (2007) propuseram uma abordagem multimodal:

O procedimento geral é que o indexador tome uma cadeia de pontos de vista claramente definido em círculo (por exemplo, orientação teórico, método de pesquisa) e gere uma lista de palavras-chave para cada documento, cada frase tomando como seu próprio foco um aspecto diferente do documento, mas referindo-se ao todo (DIAS, 2007, p. 69).

Deve-se levar em consideração ainda a seguinte discussão: a análise do assunto propriamente dita condiz com o objetivo do escritor ao redigir a obra? Ou seja, condiz com o assunto que o autor ao escrever o livro tinha em mente de transmitir? A ideia neste momento é mostrar que, para responder a essas questões, é necessário que se examine a cadeia de ponto de vista ao longo da análise, perspectiva está contemplada na citação acima.

Nesse momento entende-se como o trabalho do indexador é cheio de nuances complexas, pois o assunto não é único. Na medida em que, ao escrever o livro, o autor não pensa de forma geral em quem vai fazer a mediação, isto é, ele não pensa que haverá uma leitura documental do texto por parte do profissional da informação, que ao mesmo tempo pode ser um leitor potencial do livro. Mas, que no momento em que está fazendo a tradução da linguagem natural para a linguagem documental, usará de estratégias mais refinadas para determinar o assunto do mesmo, como exemplo é possível citar o protocolo verbal já explicado nesta tese.

A busca por padrões textuais é uma das estratégias que os indexadores utilizam no momento de determinar o conteúdo extensional e intencional do documento. Quando o material de análise são textos narrativos de ficção essa busca se torna ainda mais difícil porque a lógica dos textos narrativos de ficção não é a mesma dos textos científicos e informativos, por exemplo, retomando assim a problemática e importância desta tese.

Ao refletir sobre o fato de que ao escrever seus textos os autores não pensam em como os mesmos serão representados tematicamente, lembra-se que, no prefácio de um dos seus romances mais conhecidos *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector, autora brasileira que terá seus textos analisados neste trabalho, comentou, sobre possíveis destinatários da sua obra:

A possíveis leitores: Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar. Aquelas pessoas que só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil. Mas chama-se alegria (LISPECTOR, 1974, p. 9).

Clarice Lispector destina seu romance para “pessoas de alma já formada”. Esta informação poderia auxiliar os bibliotecários, indexadores no momento de determinar o conteúdo intencional do documento? Ou seja, a biblioteca iria adquirir o livro e colocar como uma das entradas “pessoas de alma já formada”? Como mensurar a formação da alma? Diante dessas singularidades que somente a literatura e a ordem da fantasia contemplam, a seguir entra-se na teoria da superestrutura e macroestrutura textual buscando elementos teóricos para a determinação de conteúdo de textos literários.

De acordo com Moraes (2011), no âmbito do texto literário a estrutura textual utilizada pode se valer da teoria das superestruturas e macroestrutura textual.

Ao analisar algumas sequências frasais, Van Dijk (1997) verificou que uma oração é mais do que uma mera sequência de palavras na medida em que esta tende a formar uma rede de significados. Sendo assim, o autor sugere que a análise de textos leve em consideração as estruturas globais de significação do texto, que passam a ser denominadas de macroestruturas.

A macroestrutura do texto é a que deixa clara a coerência do texto, de maneira ampla a macroestrutura é o conteúdo do texto.

No nível superficial estão as microestruturas que formam as proposições básicas de um texto, ou seja, a microestrutura é a estrutura local de um texto.

Além da macroestrutura e microestrutura, Van Dijk (1997) propõe a noção de superestrutura. Para o referido autor as superestruturas são as estruturas globais que caracterizam um tipo de texto e independem do conteúdo; ou seja, a superestrutura diz respeito à forma do texto.

Para os textos narrativos de ficção considera-se com base em Van Dijk (1997) que um texto é composto por:

- uma estrutura superficial (microestrutura) na qual constam os elementos linguísticos que auxiliam na sua composição;
- uma estrutura profunda (macroestrutura), na qual constam os elementos que compõem a chamada semântica do texto; e

- uma forma definida pelo uso social (superestrutura).

Para ser um texto narrativo, a microestrutura é formada basicamente por elementos que indicam ações e mudanças de estado, no caso, por verbos, bem como por indicadores de tempo e lugar. A macroestrutura é caracterizada pela presença de personagens, em situações que demandam mudanças de estado. Já a superestrutura se caracteriza por uma sequência de ações.

Demonstra-se a seguir com um dos contos da Clarice Lispector como se dá essa dinâmica, o conto escolhido se chama “Cem anos de perdão” e é apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 3 - Dinâmica dos textos narrativos de ficção: conto “Cem anos de Perdão” Clarice Lispector**

1 Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais  
2 poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.  
3 Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro 4  
de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os  
5 palacetes. “Aquele branco é meu.” “Não, eu já disse que os brancos são meus.”  
6 “Mas esse não é totalmente branco, tem janelas verdes.” Parávamos às vezes longo tempo, a  
7 cara impressada nas grades, olhando.  
8 Começou assim. Numa das brincadeiras de “essa casa é minha”, paramos diante de uma que  
9 parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem  
10 ajardinados, estavam plantadas as flores.  
11 Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo.  
12 Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não  
13 era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, 14  
ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, 15  
mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à  
16 vista, ninguém. E as janelas, por causa do sol, estavam de venezianas fechadas. Era uma rua 17  
onde não passavam bondes e raro era o carro que aparecia. No meio do meu silêncio e do  
18 silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar 19  
nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume.  
20 Então não pude mais. O plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas,  
21 como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente com minha amiguinha, explicando-lhe qual  
22 seria o seu papel: vigiar as janelas da casa ou a aproximação ainda possível do jardineiro, vigiar  
23 os transeuntes raros na rua. Enquanto isso, entreabri lentamente o portão de grades um pouco 24  
enferrujadas, contando já com o leve rangido. Entreabri somente o bastante para que meu  
25 esguio corpo de menina pudesse passar. E, pé ante pé, mas veloz, andava pelos pedregulhos 26  
que rodeavam os canteiros. Até chegar à rosa foi um século de coração batendo.  
27 Eis-me afinal diante dela. Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela ainda é mais  
28 linda. Finalmente começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos, e chupando o 29  
sangue dos dedos.  
30 E, de repente – ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem  
31 barulho. Pelo portão que deixara entreaberto, passei segurando a rosa. E então nós duas  
32 pálidas, eu e a rosa, corremos literalmente para longe da casa.  
33 O que é que fazia eu com a rosa? Fazia isso: ela era minha.  
34 Levei-a para casa, coloquei-a num copo d’água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e  
35 aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu  
36 coração quase parecia vermelho.  
37 Foi tão bom.  
38 Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a

39 menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o  
 40 coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.  
 41 Também roubava pitangas. Havia uma igreja presbiteriana perto de casa, rodeada por uma sebe  
 42 verde, alta e tão densa que impossibilitava a visão da igreja. Nunca cheguei a vê-la, além de  
 43 uma ponta de telhado. A sebe era de pitangueira. Mas pitangas são frutas que se escondem: eu  
 44 não via nenhuma. Então, olhando antes para os lados para ver se ninguém vinha, eu metia a  
 45 mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos 46  
 sentirem o úmido da frutinha. Muitas vezes na minha pressa, eu esmagava uma pitanga madura 47  
 demais com os dedos que ficavam como ensangüentados. Colhia várias que ia comendo ali  
 48 mesmo, umas até verdes demais, que eu jogava fora.  
 49 Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem 100 anos de  
 50 perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de 51  
 amadurecer e morrer no galho, virgens.

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

Neste conto de Clarice Lispector publicado pela primeira vez no livro “Felicidade Clandestina” em 1971, a narradora é a própria Clarice lembrando sua infância em Recife e, especificamente, é retomada uma travessura que a narradora passou a realizar com sua amiguinha de infância. A travessura consistia no roubo de rosas de um jardim pertencente a um Palacete imponente.

Ao narrar o seu encanto em relação à rosa, Clarice explicita o tema: desejo. A autora narra como pela primeira vez teve esse forte sentimento: o desejo de possuir a Rosa. O fato de ter o coração batendo forte quando ela rouba a rosa e volta correndo do jardim para que ninguém a veja desperta nela um êxtase singular que transforma o roubo da rosa em um ritual, tendo a amiga como cúmplice. No final da narrativa Clarice explica que não se arrepende argumentando que quem rouba rosas tem 100 anos de perdão, nesse momento ela faz um trocadilho com o ditado “ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão”, emenda com a confissão de que também roubava pitangas argumentando que se não fizesse elas morreriam “virgens” no galho. Temos aqui, mais uma vez, o tema desejo sendo explorado através da Clarice narradora adulta que relembra então seu primeiro contato com o desejo na infância.

No quadro abaixo foi realizada uma análise utilizando a Superestrutura, Macroestrutura e Microestrutura.

**Quadro 4** - Exemplo de Macroestrutura, Microestrutura e Superestrutura

<b>Crítérios</b>	<b>Descrição</b>
<i>Superestrutura</i>	Pode-se verificar a sequência de ações manifestada pela presença dos seguintes elementos: <b>Observação:</b> As duas amigas andam pelas ruas de Recife, e Clarice se encanta com uma rosa que está dentro de um Palacete antigo. <b>Negociação:</b> Clarice cria um plano pra roubar a rosa, fazendo a amiga de cúmplice para vigiar o portão para que o jardineiro do palacete não a veja, <b>Resolução:</b> Clarice consegue roubar a rosa e satisfazer seu desejo com facilidade, tanto que passa a fazer do plano com a amiga um ritual.
<i>Macroestrutura</i>	<b>Presença de personagens:</b> Clarice, a narradora, uma amiga de infância, um jardineiro. <b>Sequência temporal:</b> Há um antes – As duas amigas brincam pelas ruas de Recife e se deparam com um grande casarão que têm no jardim uma rosa, a narradora principal descreve a necessidade de pegar a rosa pra si. Um durante- Forma-se o plano pra que ela possa entrar no casarão e roubar a Rosa, tendo a amiga como conivente. Um depois: Com a rosa roubada a narradora descreve o grande prazer em tê-la pra si e que o ato de roubar rosas se tornou um hábito.
<i>Microestrutura</i>	Podem ser encontrados verbos que indicam mudanças no passado: Linha 37: “foi tão bom” Linha 41: “também roubava pitangas”

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

Durante esta análise do conto “Cem anos de Perdão”, como primeira etapa da Análise Documental, a ideia foi mostrar que o bibliotecário/ pesquisador faz a exploração textual por meio da leitura documental e se vale de estratégias cognitivas e metacognitivas para a extração de conceitos. Para tanto se ilustra com a análise a necessidade de se conhecer a superestrutura textual dos textos narrativos de ficção, como a dos contos, por exemplo, assim como suas macro e microestruturas semânticas é chave para uma representação temática defensável.

### 3.2 Orientações para a Análise Documental

Neste momento torna-se importante apresentar os modelos de leitura na literatura da área a fim de caracterizar suas estruturas que podem contribuir para a confecção de orientações de leitura literária discursiva que esta tese propõe.

Um modelo de leitura nada mais é do que um modelo conceitual estruturado. No que diz respeito a modelos conceituais da área, apresenta-se aqui o modelo conceitual “Requisitos

funcionais para dados de autoridade”- FRSAD (2011), sendo visto como uma alternativa viável para o processo de descrição do assunto do documento. O FRSAD amplia o escopo das maneiras de representar tematicamente uma obra na medida em que considera como assunto as dez entidades do modelo: Requisitos funcionais para registros bibliográficos FRBR.

Na busca de uma descrição verticalizada, acredita-se ser necessário começar explicando o histórico do FRBR para então adentrar no FRSAD.

Em 2005 a seção de Classificação e Indexação da IFLA cria o grupo de trabalho *Working Group on the Functional Requirements for Subject Authority Records* (FRSAR) com o objetivo de aprofundar dados de autoridade assunto.

Em 2009 o FRSAR divulgou o primeiro esboço de modelo conceitual FRSAD visando receber críticas e comentários da comunidade científica da área.

Em 2010 o modelo FRSAD foi disponibilizado pela IFLA e publicado pela editora de Gruyter Saur fazendo parte da série de controle Bibliográfico da IFLA,

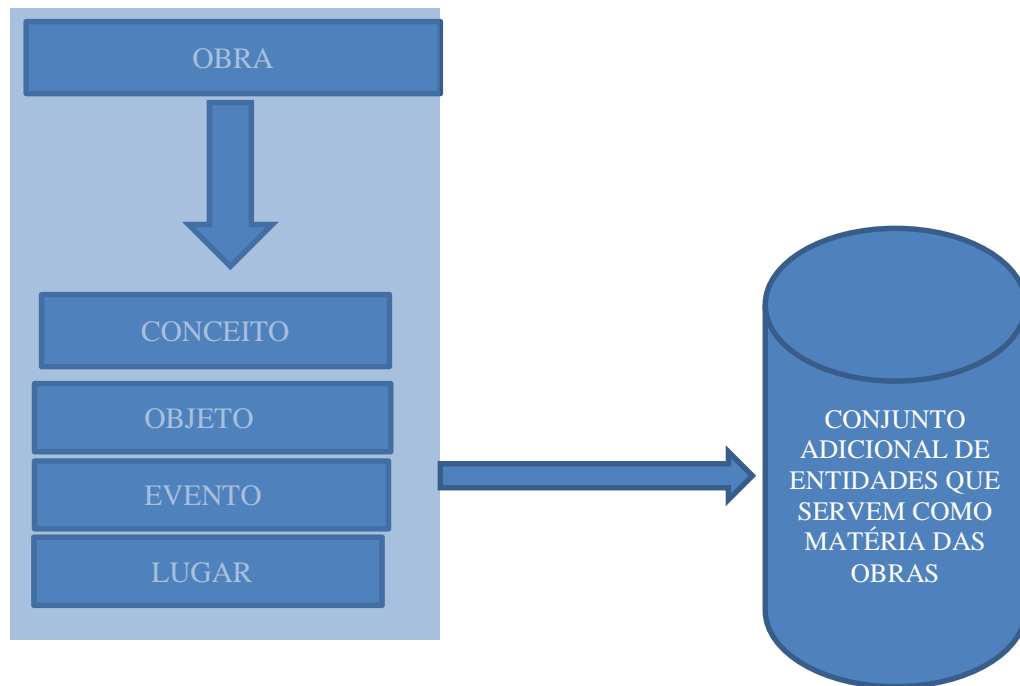
Milani, 2014 faz a seguinte crítica em relação ao histórico:

O histórico da criação do modelo conceitual FRSAD demonstra que seu processo de construção foi cuidadoso, aberto e transparente. Entretanto, não temos maiores informações sobre até que ponto intervenções, seja algum comentário ou sugestão, de pessoas ou instituições que não pertencem à comunidade da IFLA tenham sido levadas em consideração. Caso isso tenha ocorrido, a IFLA teria, de fato, dado voz às pessoas fora do mainstream da Biblioteconomia em sua iniciativa (MILANI, 2014, p. 100)

A questão levantada por Milani (2014) sobre o fato de não haver informações sobre a possível interferência de instituições que não aliadas à IFLA na criação do modelo é puramente discursiva na medida em que coloca em evidência a não neutralidade no que diz respeito a relações de poder da comunidade IFLA em relação às possíveis instituições que a influenciavam.

As entidades do FRBR são divididas em três grupos, o grupo 3 que trata sobre a obra em relação ao conceito, objeto, obra, lugar possui potencial temático que será descrito a seguir.

**Figura 2** - Diagrama que representa a matéria da obra<sup>2</sup>



**Fonte:** Diagrama adaptado a partir Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD) a conceptual model, 2011, p. 40.

O diagrama acima é adaptado a partir da figura do apêndice A do FRSAD (2011, p. 40) destacando como se dá a relação da obra com conceito, objeto, evento e lugar.

Segundo FRSAD (2011, p 40) as entidades do terceiro grupo “representam um conjunto adicional de entidades que servem como matéria das obras.”. O diagrama nada mais faz do que mostrar graficamente as relações de matéria entre as entidades do terceiro grupo.

O diagrama mostra que uma obra pode ter como matéria um ou mais conceito, objeto, acontecimento e lugar. Ao contrário, um conceito, objeto, acontecimento e lugar pode ser matéria de uma ou de mais de uma obra.

No âmbito dos dados de autoridade de matéria um estudo piloto foi realizado buscando responder a duas questões focando no *aboutness*:

1. O modelo cobre toda a do universo de classes de entidades específicas dos sujeitos?
2. As classes de entidades são apropriadas individualmente? O modelo distribui os universo de classes de entidades específicas da matéria na forma "correta"? (FRSAD, 2011, p. 41)

<sup>2</sup> Por conceito entende-se que é “uma noção ou ideia abstrata” (MulDiCat, 2012, p. 188), por objeto entende-se que é uma “coisa material” (MulDiCat, 2012, p. 176), evento é descrito como uma “ação ou ocorrência (MulDiCat, 2012, p. 135), e por fim lugar é entendido como “localização, espaço” (MulDiCat, 2012, p. 180).

De acordo com FRSAD (2011), em relação à figura da última página é importante destacar que neste momento o estudo focou em buscar um conjunto adicional de entidades que servissem como matéria das obras. Através das perguntas elencadas acima, foram selecionados quatro estudantes e professores que faziam parte da Escola de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Kent e foi dada a seguinte tarefa a eles: classificar os termos de materiais utilizados pelos colaboradores da Nacional Science Digital Library; havia uma média de 3.000 termos atribuídos com base em um vocabulário variado de matéria e descritores livres.

Eles classificaram estes termos em seis categorias: coisas concretas, coisas abstratas, acontecimentos, tempo, lugar e outros. O mesmo método também foi aplicado por um membro do grupo de trabalho a outro conjunto de termos de materiais de vocabulários controlados utilizados nos manuais de biblioteconomia. O resultado do estudo mostrou que há uma distinção difusa entre conceitos concretos e abstratos, a distinção entre cadeira com objeto físico e o conceito de cadeira, por exemplo. Além disso, houve dificuldades na classificação de instâncias com nomes próprios, sendo assim os resultados indicam que seria difícil para o bibliotecário cumprir sua tarefa utilizando dados de autoridade de matéria.

Sendo assim é possível fazer a seguinte inferência:

O grupo de estudo nada mais tentou do que criar e aplicar entidades para servir como matéria das obras. Se a obra tem um ou mais conceitos, objeto, evento e lugar, como no exemplo dado “cadeira”, visto por um lado como objeto físico e por outro como conceito já se vê aí a necessidade de aplicar elementos estudados na análise do discurso literário como a polissemia, ou seja, colocar a polissemia ou outros fenômenos linguísticos ligados a uma entidade criada que sirva como matéria da obra.

É importante estar claro que “conceito, objeto, evento e lugar” são as entidades básicas que representam a matéria da obra. O que foi feito no estudo foi buscar sistematizar entidades adicionais.

Na busca por uma solução para o resultado do estudo, o grupo examinou vários enfoques possíveis para o desenvolvimento de um marco teórico de *aboutness*, ou seja, cinco enfoques que dão ferramentas para que sejam criadas diretrizes, para tanto apresentaram cinco cenários que serão descritos a seguir:

No primeiro cenário, segundo FRSAD (2011, p. 43), a ideia é manter as entidades do grupo 3 do FRBR (Conceito, objeto, acontecimento e lugar) e analisar somente seus atributos e relações.

Retoma-se nesse momento o quadro a análise da superestrutura, macroestrutura e

microestrutura do conto “*Cem anos de perdão*” de Clarice Lispector para ser feito um paralelo com esse primeiro cenário do FRBR.

Seguindo fielmente as entidades: conceito, objeto, acontecimento e lugar do FBBR percebe-se que, em relação ao quadro de análise da superestrutura, macroestrutura e microestrutura há descompassos porque dentro do quadro da macroestrutura, a sequência temporal da narradora Clarice no antes, durante e depois do roubo da rosa não se encaixa nessa dinâmica de cenário, pois não estão contempladas as quatro entidades do FRBR.

De forma mais clara, o roubo da rosa seria o acontecimento; o durante da superestrutura, mas e o antes e o depois? Antes poderia ser a entidade lugar Recife em que se passa a história? Depois poderíamos dizer que o objeto é a rosa? As inferências até aqui não são insatisfatórias e deixam faltando uma entidade que é a de conceito. O nível de abstração necessário a ser feito é grande, além das concessões; no caso de não considerar a entidade conceito para que de alguma forma a dinâmica se encaixe e também do fato dos elementos da macroestrutura e microestrutura não possuírem paralelo com as quatro entidades. Mostra-se assim que as entidades propostas são interessantes, mas podem deixar o bibliotecário perdido em um possível modelo de leitura redigido de acordo este primeiro cenário.

No segundo cenário são levadas em consideração as facetas de Ranganathan, entendem-se então neste cenário as facetas como entidades: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo.

Retoma-se novamente o quadro que analisa a superestrutura, macroestrutura e microestrutura do conto cem anos de perdão de Clarice Lispector.

A faceta personalidade é a mais enigmática de Ranganathan, ele busca explica-la através do que ela não é: espaço, energia, matéria. Referindo-se ao hinduísmo ele aplica o princípio: “não é isso, não é isso”.

Nesta explicação não está explícito do que se trata a faceta Personalidade. Aberta a múltiplas interpretações é necessário um norteador teórico, sendo assim busca-se a definição do dicionário Aurélio: Personalidade é a “qualidade ou condição de ser de uma pessoa”, levando em conta esta definição para que possa entender Personalidade como entidade, é possível afirmar que a Personalidade do conto de Clarice se encontra no quadro de macroestrutura, no que diz respeito à presença de personagens, ou seja, a qualidade ou condição de ser de uma pessoa só pode ser neste conto da narradora Clarice, sua amiga, e o jardineiro.

Matéria segundo Gomes; Motta; Campos (2006, p. 24):

Suas manifestações são de duas espécies - Material e Propriedade. "Pode

parecer estranho que a propriedade esteja junto com material. Mas peguemos uma mesa como exemplo. A mesa é feita do material madeira ou não, conforme o caso. O material é intrínseco à mesa, mas não é a própria mesa. Principalmente, o mesmo material pode aparecer também em diversas outras entidades. Assim também, a mesa tem a propriedade de ter 2-1/2 pés de altura e a propriedade de ter um tampo suave ou áspero. Esta propriedade é intrínseca à mesa, mas não é a própria mesa. Ainda mais, a mesma propriedade pode se apresentar também em várias outras entidades. Isto ocorre quando o material é integrante do objeto podendo-se constituir como uma de suas características.

De acordo com esta citação é possível entender que matéria, grosso modo, é entendida na perspectiva da Física, como um agregado de partículas que possuem massa. Levando em conta esta perspectiva é possível entender que a Matéria, como entidade no conto de Clarice, pode ser encontrada na superestrutura quando entendemos que a narradora Clarice e a amiga são compostas por matéria por serem pessoas assim como o jardineiro. Porém, a rosa também possui matéria, então neste caso a abertura para interpretação se vê numa perspectiva que não é possível de ser operacionalizada em um modelo conceitual estruturado.

Na macroestrutura diante desta abertura de interpretação também se pode caracterizar a matéria dos personagens no tempo e espaço em que acontecem, porém também fica aberta a interpretações diversas.

Matéria como entidade de uma estrutura do FRBR não fica claro e nem mesmo a própria definição em si, dando margem a interpretações subjetivas no momento da análise, o que é prejudicial para a criação de um modelo de leitura.

Já a faceta Energia é ambígua porque seria necessário explicitar que tipo de energia está sendo referida; solar, potencial, eólica, solar. A palavra energia é sinônimo de potência, então seria a potência dos personagens, ou seja, a possível força dos personagens na história? Como encaixar esta faceta como entidade do FRBR e relacionar com o quadro de estrutura textual do conto de Clarice Lispector se não há um norteador teórico explícito de que tipo de energia se trata, desta maneira a análise se inviabiliza.

A faceta Espaço e a faceta Tempo, das cinco facetas explicitadas até aqui são as que mostram clareza conceitual para serem duas entidades entendidas como matéria no FRBR. Em relação ao quadro de macroestrutura, microestrutura e superestrutura textual do conto “Cem anos de perdão” de Clarice Lispector, é possível dizer que a Superestrutura se encaixa na faceta Espaço na medida em que na sequência de ações, na “observação”, há a presença de um “Espaço” que são as ruas de Recife. Já na “negociação” há a presença do “Espaço” grande palacete a ser vigiado para que a narradora Clarice possa roubar a Rosa.

Já a faceta Tempo encontra-se na sequência temporal da macroestrutura em que há um

antes, que é quando a narradora Clarice e sua amiga passeiam pelas ruas de Recife brincando; um durante, que é quando elas se deparam com o grande palacete antigo e Clarice se encanta pela Rosa e deseja rouba-la maquinando assim o plano para que ninguém visse a narradora Clarice e sua amiga. Já o depois é quando Clarice com a rosa na mão se sente vencedora e passa a roubar rosas sempre que pode com a amiga.

Desta maneira é possível inferir, que as facetas de Ranganathan apesar de serem muito reconhecida pelos bibliotecários não apresentam um esqueleto ideal para a criação de um modelo de leitura porque há uma série de barreiras semânticas mostrando que haveria problemas de definição de algumas facetas como entidades, por exemplo.

No terceiro cenário de FRSAD (2011) é tomado como base o modelo indecs como base, cujo foco principal do modelo é a propriedade intelectual e a gestão de direitos da obra. De acordo com FRSAD (2011, p. 45) as entidades básicas são: percepção, conceito, relação, ser e coisa.

• **Percepción:** una entidad que se percibe directamente con al menos uno de los cinco sentidos. o Ser: una entidad que tiene características de la vida animada; algo que vive y muere o Cosa: una entidad sin las características de la vida animada • **Concepto:** una entidad que no puede ser percibida directamente a través de la modalidad de uno de los cinco sentidos; una entidad abstracta, un concepto o una idea, un nombre abstracto, una proposición inobservable, que existe independientemente del tiempo y del espacio. • **Relación:** la interacción de las percepciones y / o conceptos; una conexión entre dos o más entidades: o **Acontecimiento:** una relación dinámica entre dos o más entidades, algo que sucede; una relación a través del cual un atributo de una entidad es cambiado, agregado o eliminado o **Situación:** una relación estática entre dos o más entidades, algo que sigue siendo común, una relación en la que los atributos de las entidades permanecen sin cambios **Ser y Cosa** en conjunto corresponden a un supertipo de la entidad FRBR objeto; Concepto corresponde aproximadamente con la entidad. (FRSAD, 2011, p. 46)

De acordo com a citação acima, é possível entender que o conceito Percepção é visto como uma entidade que pode ser percebida diretamente com ao menos um dos cinco sentidos. O que vai ser percebido pode ser um Ser visto como uma entidade que tem características da vida animada, ou uma Coisa: que não possui características da vida animada.

Conceito é entendido como uma entidade abstrata que existe independente do tempo e do espaço. Já Relação seria a interação entre os conceitos. Dentro de Relação, há exemplificações de relações. A primeira exemplificação é denominada como Acontecimento, sendo uma relação dinâmica entre duas ou mais entidades, uma relação em que o atributo de uma entidade é modificado, agregado ou eliminado. A segunda exemplificação é denominada

como Situação: descrita como uma situação estática entre duas entidades, nessa relação os atributos das entidades permanecem sem alterações.

Ser e Coisa são explicados já fazendo o paralelo com FRBR entendidas conjuntamente como o a entidade Objeto.

Em relação ao quadro da superestrutura, macroestrutura e microestrutura do conto “Cem anos de perdão” de Clarice Lispector é possível fazer as seguintes inferências:

O conto apresenta diversas situações que na análise da estrutura semântica resultariam em possíveis “Percepções, conceitos, relações de acontecimentos e situações, seres e coisas”. É viável afirmar que em uma das interpretações possíveis, entende-se que um dos conceitos condutores do conto se encontra na superestrutura no desenrolar da observação, negociação e resolução trazendo então “o roubo da rosa” como um conceito importante do conto.

Já a entidade percepção se encaixaria também na superestrutura do conto, na observação é possível dizer que a narradora Clarice faz o papel de “Ser” porque é uma pessoa com desejos. Já a entidade Relação possui duas bifurcações: Acontecimento e Situação. É possível dizer que Acontecimento e Situação se encaixam também na superestrutura do conto, sendo o acontecimento paralelo com a negociação e Situação com a Resolução. Acontecimento seria uma entidade em que há um processo de negociação da narradora Clarice com sua amiga planejando o roubo da Rosa. E a Resolução seria uma entidade, pois nos é apresentada uma nova situação: a narradora Clarice com a posse da rosa roubada e fazendo do plano de roubo um ritual.

FRSAD (2011) explica que Ser e Coisa representam a entidade objeto do FRBR, desta maneira em relação ao conto da Clarice pode-se dizer que o objeto principal é a “rosa” que é roubada e que razão da narrativa existir.

O quarto cenário indica que seja feita uma lista pragmática das entidades. Segundo a FRSAD(2011) Buizza e Guerrini (2002) criaram o exemplo de uma lista. As entidades lógicas definidas foram: a matéria, como sendo o assunto, ou seja, o tema básico da obra e conceito como uma unidade de pensamento. A lista mostra o que pode ser um conceito em uma aplicação específica e se baseia em categorias, funções e relações da memória do projeto.

A lista é composta por: objeto, abstração, organismo vivo, pessoa, entidade corporativa, obra, matéria/ material, propriedade/qualidade e ação.

Fazendo o paralelo com o quadro da superestrutura, microestrutura, macroestrutura do conto “Cem anos de perdão” de Clarice Lispector podemos entender que o objeto como entidade está na superestrutura no momento de observação da narradora Clarice em relação a rosa, sendo assim o objeto: a rosa. A abstração se dá na negociação quando a mesma forma o

plano em sua mente para roubar a rosa; como Pessoa temos na superestrutura a narradora Clarice e sua amiga cúmplice. Como matéria podemos dizer que é a rosa descrita como “*vermelha viva e cheia de espinhos no caule*”, a propriedade ou qualidade como entidade pode ser também o fato da rosa ser descrita como vermelha viva, cheia de espinhos no caule. Já a ação como entidade poderia se dar através do combo observação, negociação e resolução que forma a superestrutura textual do conto, sendo a ação principal o roubo da rosa que se dá na Resolução. Entidade corporativa seria a autora Clarice Lispector ao redigir o conto.

Segundo FRSAD (2011) este cenário tem como problema o fato das entidades não serem mutuamente excludentes, dependendo de definições individuais comuns, o que pôde ser visualizado através do exercício com o quadro da superestrutura, macroestrutura e microestrutura textual. Ou seja, foi possível fazer o paralelo, mas há um denominador em comum em todos os cenários, a necessidade de um nível alto de relativização das ideias para que as entidades fossem definidas e se encaixassem em uma ideia de modelo.

O quinto e último cenário não faz nenhuma recomendação, FRSAD (2011) explica que este cenário é abstrato e não apresenta restrições para as implementações. Neste cenário percebe-se que é o interesse da IFLA é de que bibliotecários e pesquisadores desenvolvam modelos que caracterizem o *aboutness* da obra, a partir dessa abertura da IFLA esta tese âncora de acordo com o objetivo geral da mesma que os postulados da análise do discurso literário oferecem uma grande riqueza metodológica que será construída e testada no capítulo a seguir.

Com esta análise dos cinco cenários propostos pelo FRSAD (2011) é possível inferir que:

O fato de existirem cinco cenários mostra o interesse do grupo de estudos da IFLA em dar abertura para uma pluralidade de abordagens que contemplem as entidades do FRBR. Pode-se dizer assim que a iniciativa do grupo resultou em cinco cenários flexíveis que mesmo possuindo limitações podem ser adaptados e usados em parcialidade, como fica explícito no último cenário em que não há nenhuma regra para a criação do modelo, ou seja, é dado espaço para que discussões como as que acontecem nessa tese aconteçam e haja recortes, adaptações, usos parciais de alguns conceitos apresentados para a criação de estratégias de leitura literária discursiva para os contos da Clarice Lispector.

No segundo semestre de 2020 foi publicado pela IFLA mais um requisito para a família FR: O FRBR-LMR, “*Functional Requirements for Bibliographic Records – Library Reference Model*”, o modelo nasce para dar conta dos dados requeridos pelos usuários finais, as pesquisas sobre a aplicabilidade deste requisito estão em desenvolvimento e por conta disso não foi contemplado nessa subseção.

### 3.2.1 Busca por orientações para a Análise Documental

Esta subseção trará as nossas percepções acerca das buscas empreendidas em websites oficiais de bibliotecas, como por exemplo: BN, UNESP e LOC com o intuito de recuperar documentos e conteúdos que envolvam políticas de indexação e orientações para tomada de decisão em relação à Análise Documental.

Haverá também nesta subseção a descrição das buscas empreendidas nas bases de dados BPRACI<sup>3</sup> e LISA<sup>4</sup> utilizando-se da técnica *close Reading*, empregando o discurso fluído para o comentário dos documentos recuperados.

Para ampliar o escopo de busca será utilizado o termo “análise de assunto” enquanto sinônimo de “análise documental”, a partir disso será possível entender qual corrente de pensamento norteia a ideologia desses documentos e instituições.

- **Websites oficiais**

No dia 22 de outubro de 2020 foi realizada uma busca no site da BN a fim de explorar a Política de Indexação da referida instituição a fim de entender como é realizada a tomada de decisões dos bibliotecários desta instituição no que diz respeito à Análise documental.

Ao entrar no site da instituição e digitar os termos “Política de Indexação” e “Análise documental” ou “Política de indexação e Análise de assunto” nenhum documento foi recuperado, porém na seção do site denominada “Sobre a BN” há uma série de documentos institucionais e foi encontrado o “Relatório de Gestão do Exercício 2018”. Nesse relatório, ao ser procurado o termo “indexação”, foi recuperada uma descrição das etapas que o livro percorre para fazer parte do acervo da BN conforme mostra a figura a seguir:

---

<sup>3</sup> Base de dados de Periódicos em **Ciência da Informação** publicadas no Brasil desde 1972.

<sup>4</sup> Base de dados referenciais destinada aos profissionais de bibliotecas, ciência da informação e demais especialistas de áreas correlatas.

**Figura 3 - “Conheça as oito etapas do Caminho do Livro”**



Fonte: <https://www.loc.gov/>

A figura acima mostra o trajeto que o livro percorre ao ser adquirido pela BN, o mais próximo que há sobre política de indexação está na descrição sucinta sobre “Classificação e indexação”:

Nesta etapa, as obras são classificadas e indexadas utilizando a Classificação Decimal de Dewey 23. ed. (CDD) para a atribuição do número de classificação e os cabeçalhos de assunto da Biblioteca do Congresso Americano (Library of Congress Subject Headings — LCSH) para os assuntos. Apesar da atribuição do número de classificação, a BN não utiliza a localização relativa ao assunto do livro. Para fins de economia de espaço, os livros são armazenados nas estantes levando-se em conta seu tamanho (RELATÓRIO DE GESTÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018, p. 12).

No seguinte percurso há o enfoque nos instrumentos para que o livro seja classificado e indexado, explica-se que a Classificação Decimal de Dewey é utilizada para dar o número de Classificação do livro e que há interoperabilidade no momento de determinar os cabeçalhos de assunto porque são importados da LOC. Desta forma entende-se que a indexação acontece através da atribuição de termos dos cabeçalhos de assunto da LOC.

O mais próximo que o relatório chega com relação à “Análise Documental”; “Análise de Assunto” é na última etapa descrita como “tratamento temático do material”:

Após o registro é feito o **tratamento temático do material**, o controle de qualidade dos dados inseridos nas bases de dados e a preparação das obras para o armazenamento nos devidos setores. São realizadas também a conferência das planilhas impressas da inserção dos dados bibliográficos, a impressão das etiquetas de código de barras para controle patrimonial, a colagem de exlibris e a preparação das etiquetas de lombada (RELATÓRIO DE GESTÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2018, p. 12).

O relatório não explica como os bibliotecários da BN fazem o Tratamento Temático do material, esta lacuna reafirma a necessidade de estudos voltados para a temática. A decisão de não se aprofundar sobre como é feito o tratamento temático dos materiais na instituição é discursivo, pois, se há um relatório há também um comitê responsável por cria-lo e que achou pertinente apenas sinalizar que o tratamento temático do material é feito. Porém, o passo a passo é ocultado, talvez pelo fato da BN estar interessada em assumir uma visão mais pragmática e técnica influenciada pela base ideológica da LOC da qual ela importa os cabeçalhos de assunto.

No dia 30 de outubro de 2020 foi acessado o site da UNESP a fim de encontrar a política de indexação que norteia a instituição e como a análise documental; análise de assunto é tratada em tal documento.

Ao buscar pelo termo “Política de indexação” no site da UNESP, o site nos encaminhou para a “Coordenadoria Geral das Bibliotecas” que possui uma seção “Bibliotecários”, onde há uma série de opções de documentos que norteiam o fazer profissional; lugar este que foi encontrado o “Manual de Política de Indexação” conforme mostra a figura a seguir:

**Figura 4 - “Manual de Política de Indexação”**



**Fonte:** Fujita (2017)

O Manual de política de Indexação da UNESP possui três documentos: o primeiro deles é o “Manual de Política de Indexação” de 2014; em seguida há a versão atualizada e revisada deste documento datando 2017 e, por fim, o livro “Políticas de indexação para Bibliotecas”.

Ao ser analisada a política de indexação mais atualizada, ou seja, de 2017 buscou-se o termo “Análise documental” que não recuperou nenhum documento, então se buscou o termo “Análise de assunto” e o documento que possui 33 páginas recuperou 3 registros do termo.

O primeiro registro de “Análise de assunto” está dentro da seção “2.2.2 Manual de indexação do “Modelo de Leitura Documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros”:

Será adotado como procedimento de indexação o “Modelo de Leitura Documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”, sistematizado no Manual de Indexação que o acompanha, para realizar a **análise de assunto** composta de identificação e seleção de conceitos de acordo com a demanda do usuário com vistas à tradução dos conceitos com a Linguagem UNESP. (MANUAL POLÍTICA DE INDEXAÇÃO UNESP, p. 8, 2017).

No manual de política de indexação da UNESP fica clara que a análise de assunto é uma etapa fundamental na indexação quando o discurso da política da instituição diz que, para que a Análise de assunto seja feita, será necessário consultar o “Modelo de Leitura Documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”. Ou seja, a análise de assunto explicada como “a identificação e seleção de conceitos de acordo com a demanda do usuário visando a tradução dos conceitos com a linguagem” explicita que para que se identifique e selecione os conceitos é necessário que seja seguido o Modelo de Leitura.

O “Modelo de Leitura Documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas” retoma o Relatório final de pesquisa-Bolsa PQ-CNPq de Fujita em 2010 no qual ela elaborou um modelo de leitura documentária para livros, o discurso do relatório reverberou em publicações científicas da referida em anos posteriores conforme mostra a figura com o modelo a seguir:

**Quadro 5 :** Versão do Modelo de Leitura Documentária para catalogação de assuntos de livros

CONCEITOS	QUESTIONAMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS	PARTES DA ESTRUTURA DO LIVRO
OBJETO e PARTE(S) DO OBJETO (algo ou alguém que está sob estudo do autor)	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito desta ação?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
AÇÃO (processo sofrido por algo ou alguém)	O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo etc.)?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
AGENTE (aquele ou algo que realizou a ação)	O documento possui um agente que praticou esta ação?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
MÉTODO (métodos utilizados para realização da pesquisa)	Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos, por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
TEMPO (ano, período ou época)	O estudo foi desenvolvido em período específico? É relevante representá-los na Catalogação de Assunto?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA (local físico onde foi realizada a pesquisa)	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
PONTO DE VISTA DO AUTOR	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?	INTRODUÇÃO E PREFÁCIO
CAUSA E EFEITO Causa (ação+objeto)/Efeito	Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?	CONCLUSÕES OU PARTE FINAL

**Fonte:** (FUJITA, p. 63, 2013).

Os conceitos levantados para fazer parte da análise conceitual seguem a rigidez da norma 12.676 da ISO, sendo objeto, ação, agente, métodos do agente, local ou ambiência, causa e efeito, e ponto de vista do autor. Cada conceito é enquadrado em parte da estrutura textual dos textos técnicos científicos.

Este modelo de leitura se mostra eficaz para identificar conceitos de textos técnicos científicos, porém quando adentramos nos textos narrativos de ficção do gênero conto este modelo de leitura não se adapta, visto que, por se tratar de obras literárias há uma série de pormenores que não cabem na rigidez da norma 12.676.

O segundo registro de “Análise de assunto” está dentro de uma explicação sobre “Modelo de Leitura”:

O Modelo de Leitura Documentária de Fujita (2010) foi proposto para desenvolver a identificação e seleção de conceitos durante a leitura documentária de livros por catalogadores de assunto de acordo com as concepções orientadas para o conteúdo do livro e a demanda do usuário. A etapa de identificação de conceitos é realizada durante a análise de assunto por meio de uma concepção orientada para o conteúdo (MANUAL POLÍTICA DE INDEXAÇÃO UNESP, p. 11-12, 2017)

Explica-se que na análise de assunto há a identificação de conceitos e que o modelo de leitura é uma ferramenta metodológica desenvolvida no momento que o indexador está identificando e selecionando os conceitos dos livros.

Há também no contexto da Coordenadoria Geral das Bibliotecas da UNESP um documento que converge diretamente com a temática desta tese: Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF) oferece diretrizes para a indexação de textos narrativos de ficção.

O Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF), idealizado por Sabbag (2013), é instrumento da metodologia de análise, síntese e representação, especificamente de textos narrativos de ficção em prosa para uso dos catalogadores de bibliotecas universitárias (MENTIF, 2017, p. 1)

Explica-se que o modelo se baseia no que foi idealizado por Sabbag (2013) em sua tese buscando ser uma ferramenta de análise, síntese e representação para textos narrativos de ficção em prosa, ou seja, temos aqui uma tipologia textual específica para nortear os bibliotecários no momento de indexar este tipo de documento.

Os textos narrativos de ficção do gênero conto não são contemplados neste modelo pelo fato dos contos possuírem diversos temas, além disso, os contos da autora Clarice Lispector não seguem a tipologia de começo, meio, fim, ou seja, a maioria dos contos não segue a linearidade de uma macroestrutura, superestrutura e microestrutura.

Importante ressaltar que o modelo trabalha com narrativas em prosa, romances que apresentam macroestrutura, superestrutura e microestrutura, com tipologia começo, meio e fim, ou seja, não é aplicado a narrativas em versos e outras modalidades como, por exemplo, romances escritos no formato de carta. (FUJITA et al, 2017, p. 2)

Sendo assim a proposta desta tese é mostrar que a perspectiva da Análise do Discurso Literário articula e amarra de maneira viável o fato dos contos possuírem diversos temas através do modelo de leitura literário que será mostrado no próximo capítulo.

Na identificação de conceitos o MENTIF propõe que o bibliotecário analise as

categorias: “PERSONAGEM, EVENTO, ESPAÇO E TEMPO”, estas categorias ficam na primeira coluna do quadro MENTIF.

Na segunda coluna estão perguntas que viabilizam a extração dos conceitos

PERSONAGENS: Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?

EVENTO: Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?

ESPAÇO: A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização (ou ambiente) no mundo ficcional?

TEMPO: existe uma unidade de tempo no mundo ficcional? Observação: Unidade de tempo (período de tempo específico) (MENTIF, 2017, p.1-2).

Na terceira coluna são colocadas as partes da estrutura textual as quais respondem os questionamentos da segunda coluna correspondentes às perguntas que viabilizam a extração de conceitos. Importante lembrar que as partes da estrutura textual elencadas como “Personagens, evento, espaço e tempo” tem origem em Beghtol (1986).

Na quarta coluna é o momento em que são identificados os conceitos identificados pelo conteúdo.

Na quinta coluna são selecionados os conceitos orientados pelo uso.

No dia 02 de novembro de 2020 foi acessado o site da LOC a fim de encontrar normativas sobre a Indexação e a Análise de Assunto. Foi recuperado um documento que parece ter sido parte de um curso para os bibliotecários da LOC denominado

“*Library of Congress Subject Headings: Module 1.1*” datando junho de 2016.

O documento discorre sobre “Catalogação de assunto” “*Subject cataloging*” e “*aboutness*” e explica onde encontrar os assuntos dentro do módulo conforme mostra a citação:

“In this first module of the training series, we begin by reviewing some concepts related to *information organization* before jumping directly into **subject cataloging** with *Library of Congress Subject Headings* and *Library of Congress Classification*.”

A biblioteca do Congresso entende a “Catalogação de assunto” como:

Subject cataloging is the phase of the cataloging process which is concerned with determining and describing the intellectual or artistic content and the genre/form characteristics of a resource, and translating that understanding into subject headings and classification notations. After the resource’s aboutness has been determined, as many subject headings as are appropriate are chosen from a standard list. There are many such lists, including: Library of Congress Subject Headings (known as LCSH), the LC Genre/Form Terms for Library and Archival Materials, Medical Subject Headings (which is often referred to as MeSH), the Art and Architecture Thesaurus, and so on. In

addition, a classification notation is chosen from whatever classification scheme is used by the library. In the United States, the most likely candidates are the Library of Congress Classification (often referred to as LCC) or the Dewey Decimal Classification (known as DDC). Traditionally in the U.S., the classification serves as a means for bringing a resource into close proximity with other resources on the same or related subjects. In the case of tangible resources, the classification is the first element of the call number, which is a device used to identify and locate a particular resource on the shelves. (LIBRARY OF CONGRESS SUBJECT HEADINGS: MODULE 1.1, 2016, p. 10)

O discurso da LOC denomina a catalogação de assunto como um processo da catalogação relacionada com a determinação e descrição do conteúdo intelectual e as características de gênero e forma do recurso.

É necessário que o entendimento do assunto seja traduzido em títulos de assuntos e notações de classificação. Para enquadrar os títulos de assunto em notações de classificação é necessário haver uma padronização institucional; a lista de cabeçalhos de Assunto da LOC é citada e explica-se a importância das listas de cabeçalhos de assunto para a padronização institucional.

O termo *Aboutness* é citado no documento no sentido de temacidade e não é feita uma reflexão teórica sobre o mesmo. O *Aboutness* é entendido nesse discurso como fundamental de ser entendido para que seja retirada a “anarquia da linguagem natural” e explica-se a importância de que o vocabulário usado seja controlado na catalogação de assunto.

É possível afirmar que a LOC reflete em seus dizeres a vertente Norte-Americana de indexação vista em Lancaster (2004), não existe no documento o termo Análise Documental ou Análise de Conteúdo porque esses termos são da vertente francesa de indexação.

A Vertente Norte-Americana de indexação possui uma visão pragmática sobre o conteúdo dos documentos. O foco é determinar o assunto, mas não há uma descrição detalhada sobre como acontece esse processo. É mais importante é transformar “o assunto” em títulos de assunto para verificar a compatibilidade com as listas de cabeçalhos de assuntos.

- **Bases de dados**

Haverá neste momento a descrição das buscas empreendidas nas bases de dados BPRACI e LISA

Para a pesquisa nas bases foi definida a seguinte estratégia de busca: “Leitura documentária e Modelo de leitura” no período de 1970 a 2019 para a base de dados nacional:

## BRAPCI.

A base de dados BRAPCI recuperou no dia 30 de outubro de 2020 cinco documentos ao ser aplicada a referida estratégia no período de 1970 a 2020. Serão examinados os resumos destes cinco documentos que são artigos científicos, esta análise será realizada em forma de comentários na sistematização de um quadro conforme mostrado a seguir:

**Quadro 6** - Documentos recuperados na BRAPCI com a estratégia “modelo de leitura e indexação”

Referência do artigo	Comentário
<p>FUJITA, M. S. L. A representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com protocolo verbal.. <b>Ponto de Acesso</b>, v. 7, n. 1, p. 42-66, 2013.</p>	<p>Neste artigo de Fujita (2013) é feito um estudo aplicando a técnica introspectiva de protocolo verbal individual em bibliotecários indexadores de nove bibliotecas. Buscou-se então, com a aplicação da técnica, entender como os indexadores lidavam no dia a dia com a etapa de “Análise de assunto”; como era feita a análise das partes textuais do livro, como selecionavam e identificavam os termos resultando assim na representação documentária na indexação. Os resultados deste estudo proporcionou que Fujita fizesse alterações no seu modelo de leitura documentária para a indexação de livros. É possível afirmar então que o modelo de leitura para livros de Fujita foi construído buscando se respaldar na prática dos bibliotecários e nas partes textuais que estes mais consultavam no momento de indexar, temos aqui então um exemplo da teoria convergindo com a prática.</p>
<p>FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. <b>DataGramZero</b>, v. 7, n. 3, 2006.</p>	<p>Neste artigo Fujita e Rubi (2006) é explicada que a problemática do trabalho reside na dificuldade do indexador no momento de realizar a Análise de Assunto dos livros. Aqui é apresentado o Modelo de Leitura Documentária construído por Fujita em 2003 com interesse de fornecer para os bibliotecários uma ferramenta que contempla as singularidades da leitura documentária de livros. Neste caso é explicada a importância da educação continuada para os profissionais formados em biblioteconomia. Neste artigo então o modelo de leitura é utilizado como ferramenta pedagógica na educação continuada de bibliotecários da USP, UNESP e UNICAMP. Dessa forma Fujita e Rubi (2006) visam validar no âmbito do ensino o modelo de leitura, fazendo os indexadores que estão estudando nesta instituição se atualizarem sobre a aplicação de práticas que podem facilitar o fazer profissional ao mesmo tempo em que destaca a importância das estratégias de leitura dentro da leitura</p>

	documentária que culmine em uma Análise de Assunto contextualizada com o contexto documentário.
FUJITA, M. S. L. Análise e síntese documentárias para compreensão de leitura de textos didáticos: uma proposta de aplicação do sistema de indexação precis. <b>Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação</b> , v. 5, n. 1, 1999.	Neste artigo é ressaltada a importância das etapas de análise e síntese no processo de leitura documentária. Busca-se mostrar que o processo de leitura documentária seria interessante de ser apresentado a estudantes de ensino médio porque assim eles dominariam com maior destreza os elementos de cada estrutura textual. Desta maneira é feito um estudo aplicado com o sistema de indexação PRECIS como modelo de leitura sendo aplicado a alunos do segundo ano do Ensino Médio de um colégio em Marília. Utilizando um texto sobre Mineração de dados no estudo concluiu-se que os alunos conseguiram compreender o texto e elaborar sua síntese.
FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S. Indexação de acórdãos no contexto dos tribunais de contas: estudos preliminares para a elaboração de um modelo de leitura técnica. <b>Informação &amp; Informação</b> , v. 22, n. 2, p. 511-531, 2017.	Este artigo foca a discussão na Organização da Informação Jurídica e coloca como problemática a falta de sistematização de procedimentos na Análise de assunto, aqui entendido também como a identificação do conteúdo do documento. Destaca-se aqui as singularidades para indexar documentos jurídicos, pois, além da análise do assunto em si tem que ser muito bem delimitado a estrutura do documento e a terminologia jurídica. Para resolver essas questões foi criado um modelo de leitura específico para os acórdãos, perspectiva essa que se liga com a proposta desta tese que busca lidar com as singularidades do texto narrativo do gênero conto propondo um modelo de leitura literário discursivo levando em conta a estrutura dos contos e os diversos temas que um conto possui.
MARCONDES, C. H.; COSTA, L. C.; MARTINS, S. C. Descoberta de conhecimento em artigos digitais em ciências biomédicas. <b>Informação &amp; Informação</b> , v. 21, n. 2, p. 170-216, 2016.	O artigo não contempla a indexação e análise de assunto.

**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

Em relação à estratégia de busca na base de dado internacional LISA seguiu-se a seguinte estratégia: “Subject Analysis and Indexing” utilizando o mesmo período, 1970 a 2020.

**Quadro 7** - Artigos recuperados com a estratégia de busca “Subject Analysis and Indexing”

Referência do artigo	Comentário
FUJITA, MARIANGELA SPOTTI LOPES. "Documentary Reading as Curricular Discipline in Librarianship Study: Content and Methodologies of Social-Cognitive Approach to Metacognition of the Apprentice Indexer." <i>Ibersid</i> 1(2007):87. Web.	Neste estudo (2007) Fujita destaca a importância de incluir no currículo de biblioteconomia a teoria sobre a leitura documentária para a análise de assunto por meio do uso do protocolo verbal. Sendo assim, mostra-se que na disciplina de leitura documentária a aplicação do protocolo verbal é positiva pois coloca para dialogar elementos cognitivos da leitura documentária em convergência com a prática pedagógica do protocolo verbal.
FUJITA, MARIANGELA SPOTTI LOPES, AND GLORIA ISABEL SATTAMINI FERREIRA. "Teaching Subject Analysis Processes for Indexing Applying a Reading Model: A Comparative Study of Two Librarianship Undergraduate Courses in Brazil." <i>Ibersid</i> 2(2008):163. Web.	Neste estudo de Fujita e Ferreira (2008) são testadas as habilidades cognitivas de alunos da UNESP e da UFRGS do curso de biblioteconomia através da comparação na aplicação do modelo de leitura. A categorização inerente do modelo de leitura traz benefícios para a uniformidade de interpretações na Análise de Assunto.
SASAKI, K. (2012). Indexing by intellectual document analysis and its significance: Focusing on patent document analysis for CA. <i>Journal of Information Processing and Management</i> , 55(7), 472-480.	Neste estudo de Sasaki (2012) temos a exemplificação da importância da análise do significado do documento para a produção de patentes em química do mundo.
ANDRADE DUARTE, E. (2007). Indexing and subject analysis: An approach based on the evaluation of intervening factors in these processes. <i>Biblionline</i> , 3(2) Retrieved	Este artigo discute a indexação e a análise de assunto considerando-as como processo e como estes se relacionam com a recuperação da informação.
SUZUKI, K. (2008). Indexing policy for JMEDPlus file. <i>Journal of Information Science and Technology Association (Joho no Kagaku to Gijutsu)</i> , 58(4), 184-187.	Neste artigo há a apresentação da indexação sob o ponto de vista de um banco de dados da medicina em japonês. É apresentada a política de indexação da base e regras que funcionam no contexto da representação da informação de dados específicos.

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

### 3.3 Orientação de leitura literária discursiva para textos narrativos de ficção

Para a aplicação da Análise do Discurso Literário é necessário retomar o percurso trilhado por Caprioli (2018), neste estudo a referida autora fez algo promissor para a área porque relacionou de maneira aplicada a Análise do Discurso de matriz francesa com a Análise do Discurso Literário.

Enquanto na França da década de 1960 a análise do Discurso estava preocupada com os fatores políticos e ideológicos que faziam um discurso tomar determinada forma, seguindo o contexto de reformulação do estruturalismo, a Análise do Discurso Literário estava voltando a atenção para a perspectiva sociocultural das obras e suas condições de comunicação.

Maingueneau (2016) exemplifica essa nova forma de tratar a comunicação verbal na Análise do discurso Literário, por meio do conceito de “ideias força”:

O discurso como atividade, a primazia da interação, a reflexividade da enunciação, a inscrição dos enunciados em gêneros do discurso, uma concepção institucional do sentido, a inseparabilidade entre texto e contexto etc.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 34)

Para ser feita a relação da Análise do Discurso com a Análise do Discurso Literário, Caprioli (2018) primeiramente listou as categorias da Análise do Discurso francesa de Orlandi (2008) que foram sintetizados por Lima (2015).

*“Primeiro tratamento de análise superficial”*: Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise. *“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”*: Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?” A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele. *“Do objeto discursivo para o processo discursivo”*: Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?”. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior.

Em seguida Caprioli (2018) encaixa na segunda etapa do trajeto de Orlandi (2008); na

“transformação de superfície linguística em objeto discursivo”, um quadro que sintetiza as premissas que devem ter as “ideias-força” do discurso literário para que este seja legitimado.

Caprioli (2018) ao sistematizar em forma de quadro as “ideias-força” com base em Maingueneau (2016) que validam o discurso literário cria uma ferramenta práxis, pois une a teoria e a prática. Ou seja, faz com que seja possível utilizar o quadro de maneira aplicada, essa convergência da teoria com a prática é necessária no âmbito dos estudos literários discursivos no contexto da Ciência da Informação porque cria estruturas para serem citadas em estudos posteriores.

**Quadro 8 - Ideias força para legitimação do discurso – conto**

<b>Ideias força do Discurso Literário</b>	<b>Legitimação do discurso</b>
<b>1) O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	O discurso existe a partir de uma análise que parte da frase para o texto possuindo unidade de sentido própria.
<b>2) O discurso é uma forma de ação</b>	Todo discurso em sua materialidade é formado por um enunciado, no mínimo. A enunciação constitui um ato ilocutório, ou seja, ocorre a ação de pronunciar um enunciado. Neste caso o ato ilocutório se enquadra do gênero literatura
<b>3) O discurso é interativo</b>	O discurso pressupõe a existência de um emissor e de um destinatário.
<b>4) O discurso é orientado</b>	O discurso é orientado porque se desenvolve no tempo, refere-se aqui a linearidade assumida na narrativa pelo locutor.
<b>5) O discurso é contextualizado</b>	O dizer do discurso esta pautado no contexto ao qual se refere, sendo este mutável e dependente.
<b>6) O discurso é assumido por um sujeito</b>	A responsabilidade da enunciação se dá pelo “centro dêitico”. O centro dêitico situa o lugar, o tempo e os sujeitos responsáveis pelo dizer na enunciação.

<b>7) O discurso é regido por normas</b>	O discurso possui normas como todo comportamento social. Se tratando do discurso literário, as normas que caracterizam um discurso literário se dão através da subversão das regras, pois a linguagem é manipulada de maneira alegórica.
<b>8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso</b>	O discurso é formado na medida em que se relaciona com outros discursos.

**Fonte:** CAPRIOLI (2018) baseada em MAINGUENEAU (2016)

A riqueza da convergência do modelo de Maingueneau (2016) com Orlandi (2008) se dá através do paralelo entre as etapas de análise que serão explicadas a seguir: “O primeiro tratamento de análise superficial” de Orlandi (2008) explica que este é o momento no qual se tem um contato inicial com a superfície linguística do texto a ser analisado, ou seja, o trecho exato que será submetido a análise. Neste momento, ao fazer o paralelo com a Análise do discurso literário proposto por Caprioli (2018), entende-se que no primeiro tratamento de análise superficial (Orlandi, 2008) é onde situamos o corpus discursivo como contextualizado, assumido por um sujeito que pressupõe uma organização transfrástica que pode fazer de um adverbio do corpus, o elemento principal da análise.

Na transformação da superfície linguística em objeto discursivo, nos perguntamos “o que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?”, ou seja, através do cruzamento de dizeres discursivos chegamos ao interdiscurso, sendo interativo na medida em que nesse momento da análise o contexto histórico e ideológico passa a ser considerado, pois esta é a essência do interdiscurso.

Na etapa que encaminhamos o objeto discursivo para o processo discursivo, e que nos perguntamos por que este dizer está sendo considerado ao invés de outro? Entende-se que também na análise do discurso literário o discurso é regido por normas, ou seja, as regras ideológicas do próprio discurso que fazem o analista crer, ilusoriamente, que só se deve considerar determinado discurso ao invés de outro, ou seja, o discurso literário é orientado por uma mescla de formações discursivas, sendo por fim uma forma de ação ideológica.

Tendo acima os elementos que a Análise do Discurso Literário deve possuir, é possível a partir das reflexões expostas no modelo de análise discursiva de Caprioli (2018) e Beghtol (1986) em paralelo com as etapas da Análise do Discurso de Orlandi (2008) propor modelo de

leitura discursivo para os contos da autora Clarice Lispector no próximo capítulo da tese.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Clarice Lispector é a escritora brasileira mais traduzida e citada em diversas áreas de conhecimento científico. Segundo o catálogo de teses e dissertações da Capes, ao ser feita uma busca simples, verifica-se que na área das ciências humanas há 391 trabalhos mesclados entre teses e dissertações que situam Clarice Lispector como autora e os desdobramentos a partir da reflexão sobre suas obras. Há trabalhos sobre a Clarice sob diversos enfoques e áreas dentro das humanidades.

Ao ser consultada a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do IbiCT foram recuperados 114 trabalhos que no caso são teses possuem a Clarice Lispector também como temática central ou tangencial.

Torna-se importante destacar que os trabalhos que percorrem a temática das obras de Clarice pertencem à área da psicologia e psicanálise.

A relação das obras da Clarice Lispector com a psicanálise e a psicologia é direta porque a autora é conhecida por explorar os fluxos de pensamentos de seus personagens desafiando os limites da linguagem, as histórias de Clarice não possuíam a linearidade de começo, meio e fim, mas sim trabalha com uma constante que é a epifania.

A epifania é o fenômeno de súbito entendimento ou compreensão de algo. Na narrativa clariceana este fenômeno está presente desdobrado em uma série de reflexões filosóficas sobre a essência da alma humana ou sobre o fato de um cego estar mascando chicletes. Clarice explora então o que está além das fronteiras do aceitável, algo para ler, reler e criar novas visões a partir daí.

Ao ser realizado uma busca no diretório de grupos de pesquisa no Brasil por grupos de estudo que trabalham com as obras da Clarice Lispector foram recuperados cinco grupos de estudos conforme ilustra a imagem abaixo:

**Figura 5** - Busca por grupos de estudo sobre as obras de Clarice Lispector

<#> [Consultas](#) [Consulta parametrizada](#) [Consulta parametrizada](#)

## Consulta parametrizada

<b>Grupo de pesquisa:</b>	Caminhos da Literatura Brasileira
<b>Instituição:</b>	UFF
<b>Líder(es):</b>	Matildes Demetrio dos Santos Flávia Vieira da Silva do Amparo
<b>Área:</b>	Letras
<b>Grupo de pesquisa:</b>	G-PEC - Grupo de Pesquisa em Poéticas, Processos e Pedagogias da Encenação Contemporânea
<b>Instituição:</b>	UFBA
<b>Líder(es):</b>	Célida Salume Mendonça Erico José Souza de Oliveira
<b>Área:</b>	Artes
<b>Grupo de pesquisa:</b>	Jornalismo e Literatura: possibilidades do encontro entre a palavra escrita e o real.
<b>Instituição:</b>	UFRRJ
<b>Líder(es):</b>	Ivana Mendes Cardoso Barreto Cesar Augusto Garcia Lima
<b>Área:</b>	Comunicação
<b>Grupo de pesquisa:</b>	LITERATURA: NOVAS PERSPECTIVAS E TRANSFORMAÇÕES
<b>Instituição:</b>	UCS
<b>Líder(es):</b>	Cecil Jeanine Albert Zinani
<b>Área:</b>	Letras
<b>Grupo de pesquisa:</b>	NELAS - Núcleo de Estudos em Literaturas, Artes e Saberes
<b>Instituição:</b>	UFVJM
<b>Líder(es):</b>	Ana Flávia Andrade de Figueiredo Paula Cristina Silva
<b>Área:</b>	Letras

« » 1 » » 25 ▼ **Total de registros: 5**

**Fonte:** Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil

Em um cenário onde as obras da Clarice Lispector são recortadas e replicadas de maneira pouco cuidadosa, gerando uma série de textos creditados a autora sem serem de fato, seria importante ter mais grupos de pesquisa, diretórios, centros de cultura voltados para a organização e divulgação da vida e obra da autora diante da sua importância no cenário literário nacional e internacional.

Na casa de Rui Barbosa localizada no Rio de Janeiro, há um arquivo pessoal da autora intitulado “Arquivo Clarice Lispector” consultado por pesquisadores de diversos países conforme explica o site da instituição:

O material que compõe esse fundo documental foi doado por seu filho Paulo Gurgel Valente. Nele, há subsídios essenciais para o estudo da obra da escritora, correspondência, fortuna crítica, documentos pessoais, entre outros, e também diversos itens de sua produção literária, sendo preponderante a não ficcional, como é o caso da coleção de seus artigos publicados no *Correio da Manhã* sob o pseudônimo de Helen Palmer. Somam-se a estes um significativo conjunto de documentos iconográficos dos quais fazem parte dezesseis telas pintadas pela autora. Além das cartas de amigos queridos como Manuel Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otávio de Faria, para citar um mínimo, em sua correspondência existe uma quantidade expressiva de contatos com editoras, como é o caso da Claasen Verlag, Ediciones de La Flor, Civilização Brasileira, José Olympio, entre outras. (FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA, 2020)

Em novembro de 2019 foi possível visitar a Fundação presencialmente e ter acesso ao fundo documental da autora, especificamente a um fichário no qual a secretária e assistente de Clarice Olga Borreli organizou em ordem cronológica os artigos publicados sobre os lançamentos dos livros, coquetéis, entrevistas da autora com amigos como Lygia Fagundes Telles, Elke Maravilha, além dos citados pelo site da instituição.

O Instituto Moreira Salles também conta com um acervo de literatura voltado especialmente para Clarice Lispector:

O acervo Clarice Lispector carrega marcas da escritora e assinala leituras, gostos literários, influências e momentos de sua história. O acervo começou a ser depositado no Instituto Moreira Salles (IMS) em 2004 por Paulo Gurgel Valente, filho mais novo de Clarice. Nesse ano, o IMS recebeu um primeiro lote de itens arquivísticos: originais manuscritos dos romances *A hora da estrela* (1977) e *Um sopro de vida* (1978); original datiloscrito encadernado, com anotações e emendas autógrafas, dos contos de “A bela e a fera” (1979); correspondência ativa e passiva; e 896 livros de assuntos variados, desde truques de mágica, astronomia e matemática a filosofia, psicologia e, naturalmente, literatura. (INSTITUTO MOREIRA SALES, 2020)

As obras de Clarice Lispector não são de domínio público, sendo possível afirmar então que, por hora, no país não há um centro que unifique os documentos que se encontram na Casa de Rui de Barbosa e no Instituto Moreira Sales.

#### 4.1 Clarice Lispector e seus contos

Neste momento torna-se importante situar Clarice Lispector no Movimento Modernista. Antônio Cândido cita a autora sem grandes exaltações, como uma autora modernista da década de 40, juntamente com Guimarães Rosa. Para ele nesse decênio há uma queda de qualidade da poesia brasileira. A terceira geração modernista segundo o referido autor estava em busca de uma nova linguagem, neste cenário temos Clarice Lispector destacando-se com suas obras por meio dos fluxos de consciência do indivíduo, há sempre um momento de grande revelação diante de fatos triviais do dia a dia, sendo este o seu estilo. (GOTLIB, 2010)

Clarice traz para o Modernismo uma linguagem original. Talvez tenha sido esta mudança de linguagem que causou estranhamento em Antônio Cândido fazendo-o dar pouca valorização para a autora. Impossível não fazer associação com o cenário político pelo qual passava o Brasil no momento, fim da era Vargas, ascensão e queda da ditadura.

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920 em um pequeno vilarejo na Ucrânia, em meio a uma conturbada viagem dos pais e irmãs rumo ao Brasil. Sobre o contexto histórico da viagem Gotlib (2010) pontua:

Quando deixaram a terra natal sabiam que estavam querendo fugir. A Rússia estava sob o impacto da Primeira Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial), que entre tantas transformações, levou a Ucrânia, temporariamente para o subjugo da Alemanha. E sofria também as consequências da revolução de 1917, que com a vitória dos Bolcheviques, inaugurava o primeiro governo comunista na Europa (GOTLIB, 2010, p. 62)

O pai de Clarice, Pedro Lispector, possuía origem judaica e nesse período pós a primeira guerra mundial estava se intensificando na Rússia e também Ucrânia o movimento antissemita culminando em uma série de saques, assassinatos, estupros. A viagem ao Brasil foi ser uma solução viável porque já possuíam parentes no aqui.

No meio literário há quem considere a literatura de Clarice Lispector "hermética", ou seja, "difícil de ler" porque suas histórias não seguiam a linearidade de um começo, meio e fim. Clarice quando pequena pensava que livro fosse como fruta que dava em árvore, quando descobriu que na verdade a árvore estava dentro da cabeça dos autores ela decidiu que queria também poder oferecer frutos literários e o fez de forma visceral.

Cada colheita para Clarice representava a morte de uma vida de suas vidas, como fênix

ela renascia pela escrita, pelo amor à colheita. Clarice Lispector desafia todas as convenções sobre o limite do que é determinado como conto, crônica, romance, entrevista.

Será que Clarice Lispector conseguiu realmente manter sempre essa diferença, no seu modo de escrever, tão distinta quando mudava do texto da crônica, a ser publicado no jornal, para o texto que viria a publicar em livro, já que visualizava um outro tipo de leitor? Será que se satisfazia em apenas agradá-lo nas crônicas, sem conduzi-lo a reflexões mais interiores e complexas? Por que, então, utilizou textos de crônicas na íntegra para compor seu livro de contos, editado enquanto trabalhava no *Jornal do Brasil*? (NOGUEIRA, 2007, p. 5)

Os questionamentos do parágrafo acima possibilitam que seja feita a seguinte inferência: para Clarice Lispector conto e crônica podiam ser compostos pela mesma narrativa; o fato dela ter reutilizado textos que estavam publicados como crônicas semanais como contos, mudando apenas o título como ressalta a citação acima, mostra que para a escritora não era uma prioridade “separar em caixas diferentes” os gêneros textuais, mas sim coloca-los em diálogo, vide mais um exemplo de Nogueira (2007, p. 2)

Há um flagrante diálogo textual entre as crônicas e a obra da autora. Como exemplo inicial desse procedimento, toma-se o conto “Felicidade clandestina”, que deu título ao livro homônimo, publicado em 1971, cuja trama já havia aparecido como crônica, em 2 de setembro de 1967, sob o título “Tortura e glória” (LISPECTOR, 1999, p. 27-29). Há, também, a crônica “Uma esperança”, publicada em 10 de maio de 1969, que reapareceu, no mesmo livro de contos, sem nem ter seu título alterado (DM, p. 192-193).

Se estivesse viva hoje, Clarice Lispector poderia se defender dizendo que seus textos em compilado deviam ser vistos pela ótica da pós-modernidade. Como não é o caso, impera nesse momento incongruência e contradição, mesmo com esses casos de duplicatas para gêneros diferentes a autora defendia que havia uma transformação na maneira de escrever quando mudava o texto da crônica que iria ser publicada no jornal para o que iria ser publicado como conto. Fato que não se consumava, na verdade o texto não sofria mudanças internas na sua sintaxe e semântica, mas sim no seu contexto externo, ou seja, o fato de uma crônica ter sido retirada do seu contexto de publicação em formato de jornal para fazer parte de um compilado de textos seguidos, ou seja a validade da crônica se perde nessa passagem. (NOGUEIRA, 2007)

Entende-se o conto como o gênero que concentra num só episódio uma narrativa curta, possuindo poucos personagens, um momento de clímax que para a obra clariceana seria o momento de epifania; o conflito interno que perpassa a vida do personagem. Na maioria dos contos da autora o episódio que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva.

Já a crônica é entendida como um gênero do discurso, que relata fatos do cotidiano de uma época, geralmente publicado semanalmente nos jornais. Como exemplo pode-se relatar a narrativa de Clarice “Mineirinho” na qual ela comenta a morte com 13 tiros de um ladrão com problemas psiquiátricos no Rio de Janeiro; em tom de revolta, nesta narrativa Clarice utiliza características do gênero ao fazer uma crítica social direta a um episódio contemporâneo de violência policial no Rio de Janeiro.

Os contos de Clarice Lispector são o gênero literário explorado neste trabalho e formam, de acordo com Gotlib (2010), uma das narrativas de menor extensão possuindo como característica a concisão, precisão, densidade, unidade de efeito ou efeito único. Por conta das singularidades do gênero é fundamental levar em consideração a ação, o tempo, as personagens, os recursos narrativos e o ponto de vista.

Acredita-se que estes elementos são puramente discursivos na medida em que tangenciam o contexto de como o dizer daquele discurso foi sendo costurado.

Os contos da escritora seguem um padrão que vale a pena ser desvelado: tratam-se de personagens femininos. Gotlib (2010, p. 16) “e apesar de ter negado preocupações feministas a autora deixa transparecer o problema da sorte da mulher em suas obras. Os aspectos retóricos que se encontra na prosa de Clarice são, epifania, misticismo, antíteses.”

A epifania se mostra na narrativa clariceana como a quebra de um estado de equilíbrio. A partir dessa quebra a personagem se vê liberta da condição feminina que a prende e a partir de então passa a usufruir de uma espécie de liberdade, essa liberdade vem acompanhada de uma lucidez até então não conhecida, a epifania marca na narrativa o clímax da história porque se vê que a partir daí há uma série de digressões que mudam o rumo da narrativa.

Retoma-se o “quadro 4 – Dinâmica dos textos narrativos de ficção – Conto “*Cem anos de perdão*” de Clarice Lispector com fins de se exemplificar de maneira mais didática como a antítese se dá na narrativa clariceana. Nas linhas 20 e 21<sup>5</sup> temos essa contraposição na medida em que num primeiro momento a personagem de Clarice Lispector na infância explica que o plano para roubar a rosa chegou a ela “cheio de paixão”, em seguida ela explica que deixou esse sentimento de lado para poder “raciocinar friamente” com a amiguinha como se daria a execução do plano. Paixão e frieza são antíteses porque são extremos opostos, ideias contrárias.

O misticismo em suas obras foi admitido pela própria Clarice Lispector:

---

<sup>5</sup> 20 O plano se formou em mim instantaneamente, *cheio de paixão*. Mas, 21 como boa realizadora que eu era, *raciocinei friamente* com minha amiguinha,

Meu principal está sempre escondido. Sou implícita. E quando vou me explicar perco a úmida intimidade. Sou limitada apenas pela minha identidade. *E sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é místico, fantástico e gigantesco: a vida é sobrenatural* (LISPECTOR, 1992, p.6 grifo da autora)

Segundo Rosenbaum (1999, p. 198), uma exímia pesquisadora da obra clariceana, o misticismo e a imprecisão fazem parte do gênero literário de Clarice Lispector; descrito como “meio conto, meio crônica, meio receita de bolo”. Este fenômeno é bem visto na literatura no geral, pois assim é dado o jogo de subversão das regras que resgata a voz aos impulsos, à marginalidade do pensamento, às mazelas da alma e suas vicissitudes.

Rosenbaum (1999, p. 199) descreve Clarice Lispector como “desmascaradora da alma humana” junto dela coloca autores como Schopenhauer, Nietzsche e Freud, sendo estes causadores de incômodo por escancarar o que está oculto pelos contratos de polidez social.

A grandeza da literatura de Clarice Lispector se desvela a partir de uma verdade que não é única, mas que muda, oscila, contorna estreitezas e deságua em lodo que causa espanto, estranhamento. Ou seja, a literatura da Clarice perturba e este incômodo é causado pelo deslocamento de todos os lugares de conforto conforme destacado a seguir:

Como se vê, a literatura de Clarice não rejeita o grotesco, ao contrário, acolhe o que normalmente é monstruoso e obsceno, gerando horror, espanto e nojo. O leitor estremece e se desnorteia, frente a textos de tão crua realidade. Aliás, ela explicitou esse gosto pelo que desequilibra a idéia de beleza clássica, de totalidade harmônica, recusando toda representação literária organizada e arrumada. Ela diz no romance *Água Viva* (1973): “A feiúra é o meu estandarte de guerra. Eu amo o feio com um amor de igual para igual” (p. 40). (ROSENBAUM, 1999, p. 200)

Clarice Lispector rejeitava em sua escrita a representação literária organizada, conforme destacado por Rosenbaum (1999, p. 200), o que torna o objetivo desta tese um paradoxo, pois procurar organizar a representação literária da autora no contexto da Organização do Conhecimento se opõe ao que representou a manifestação literária de Clarice Lispector. Diante deste cenário é importante ressaltar que o desafio aqui é mostrar que é possível estruturar de forma organizada as estruturas textuais dos contos sem trair a representação literária da autora, na medida em que se trabalha aqui com produtos textuais.

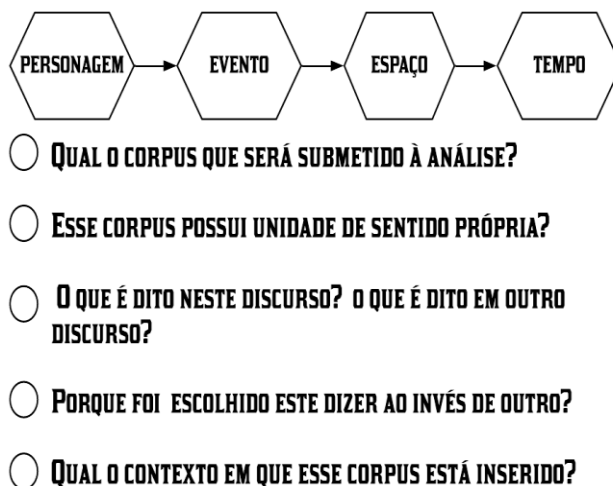
## 4.2 Modelo de leitura discursiva para contos de Clarice Lispector

Com base na prerrogativa de Beghtol (1986) que entende que o texto narrativo de ficção é formado basicamente pela presença de “personagem, evento, espaço e tempo”, cria-se o modelo de leitura para contos.

Devido às singularidades do gênero conto, explicitadas anteriormente, e da leitura discursiva, que por vezes podem confundir o indexador por não ser uma leitura focada no dizer por si, mas sim na forma em que o dizer está sendo proferido. De que maneira, nas condições que tornam legítima a enunciação, optou-se por delinear as categorias para formar o modelo de leitura para contos através da confecção de um quadro sintético no qual o fio condutor são as categorias de Beghtol (1986) na inter-relação com frases interrogativas?

As frases foram criadas com base nas ideias força do discurso literário de Maingueneau (2016) em paralelo com as categorias da Análise do discurso de Orlandi (2008) já explicitadas na seção 3.2.1, importante destacar que o modelo de leitura não buscam ser uma receita, mas sim tomadas de posição:

**Figura 6** – Modelo de leitura discursiva para contos



**Fonte:** Elaborado pela própria autora

Para verificar qual corpus será submetido à análise será criado um quadro e dentro dele o conto marcado por quantas linhas é composto.

Para verificar se há unidade de sentido própria deverá ser feita a leitura do corpus na

busca dos seguintes elementos: “personagem, evento, espaço e tempo” (BEAGHTOL, 1986). Ao serem encontrados é importante que eles sejam descritos de forma objetiva.

A pergunta “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?”, pode confundir o analista, quando se pergunta o que é dito neste discurso se quer dizer “qual a mensagem principal que deseja ser passada?” e “o que é dito em outro discurso” seria então “qual mensagem de contraposição à esta principal?”

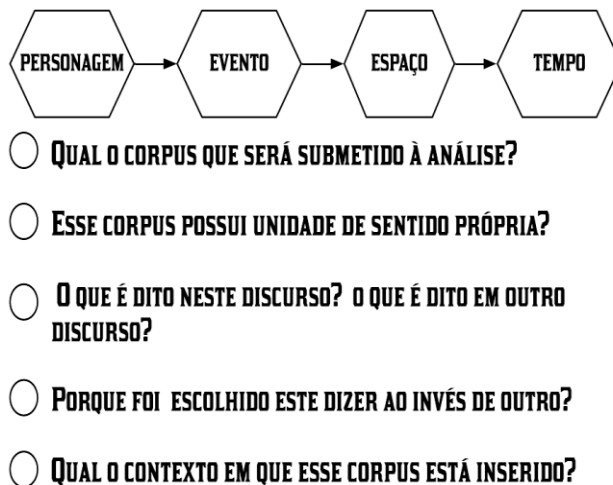
Para verificar “porque foi escolhido este dizer ao invés de outro?”, o analista deve retomar qual o contexto que o fez escolher este corpus para a análise, contexto este que difere do da próxima pergunta.

Para verificar “qual o contexto em que este corpus está inserido” o analista deve retomar o contexto em que o conto foi escrito.

### 4.3 Aplicação do modelo de leitura nos contos “ruído de passos” e “uma esperança”

Neste momento será realizada a aplicação do modelo de nos contos “Ruído de passos” e “Uma esperança”. Estes contos foram escolhidos por representarem dois momentos distintos da vida e obra de Clarice Lispector.

**Figura 7** – Modelo de leitura para contos



**Fonte:** Elaborado pela própria autora

### Analise 1: Ruído de passos

#### Quadro 9 - Qual corpus será submetido à análise? Conto 1.

1 Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo.  
 2 Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias  
 3 numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava.  
 4 Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando  
 5 cheirava profundamente uma rosa.  
 6 Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.  
 7 Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de  
 8 cabeça baixa:  
 9 — Quando é que passa?  
 10 — Passa o quê, minha senhora?  
 11 — A coisa.  
 12 — Que coisa?  
 13 — A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.  
 14 — Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.  
 15 Olhou-o espantada.  
 16 — Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!  
 17 — Não importa, minha senhora. É até morrer.  
 18 — Mas isso é o inferno!  
 19 — É a vida, senhora Raposo.  
 20 A vida era isso, então? essa falta de vergonha?  
 21 — E o que é que eu faço? ninguém me quer mais... O médico olhou-a com piedade.  
 22 — Não há remédio, minha senhora.  
 23 — E se eu pagasse?  
 24 — Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de  
 idade.  
 25 — E se eu me arranjasse sozinha? o senhor entende o que eu quero dizer?  
 26 — É, disse o médico. Pode ser um remédio.  
 27 Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. Um filho Cândida  
 28 Raposo perdera na guerra.  
 29 Tinha essa intolerável dor no coração: a de sobreviver a um ser adorado.  
 30 Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois  
 31 chorou.  
 32 Tinha Vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo.  
 33 Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte.  
 34 A morte.  
 35 Pareceu-lhe ouvir ruído de passos. Os passos de seu marido Antenor Raposo.

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

### **Esse corpus possui unidade de sentido própria?**

Personagem: Cândida Raposo de 81 anos de idade.

Evento: Ida ao ginecologista

Espaço: consultório médico (físico) Digressões de um narrador onisciente (psicológico)

A principal formação ideológica deste discurso reside na dicotomia:

Tempo: Rio de Janeiro na década de 70.

### **O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?**

Neste discurso vê-se a personagem Cândida Raposo *constrangida* diante de sua *libido* que é denominada como “*desejo de prazer*”, o termo “*desejo de prazer*” é um eufemismo para “*libido*”. Desconcertada com sua pulsão sexual latente em contraposição à idade, 81 anos, Cândida Raposo expõe sua questão para o ginecologista, temos então neste discurso a “*libido*” enquanto patologia. A consulta se dá através de uma conversa rápida na qual Cândida Raposo chega à conclusão de que terá que conviver com sua libido na velhice como um fardo vergonhoso, ou seja, há aqui a *repressão da sexualidade feminina*, vista como *tabu*.

A conversa com o médico é pautada por eufemismos; na linha 24 e 25 vemos Cândida Raposo citar a masturbação usando a expressão “*virar-se sozinha*” e o médico indica que pode ser um caminho, como uma resolução sem interesse em se aprofundar no tema. No ato da *masturbação* e chegada ao *gozo*, Cândida Raposo sente *vergonha*, chora e lembra do falecido marido como se ele estivesse prestes a entrar no quarto. Ou seja, ela busca a *legitimação do prazer* na figura do falecido marido Antenor Raposo.

*Libido*, masturbação e tabu são temas que evocam nessa narrativa como contraposição, o significado de cada eufemismo forma o “outro discurso”, este “outro discurso” entendem a sexualidade como uma questão de estado porque o corpo da personagem Cândida Raposo é dominado por práticas patriarcais estando inserido numa rede política e de poder.

### **Porque foi escolhido este dizer ao invés de outro?**

Foi escolhido este dizer que trata a sexualidade feminina como um tabu e como o corpo da mulher é entendido como uma questão de estado, pois marca um momento em que Clarice Lispector trata dos temas velhice e sexualidade. O conto “Ruído de passos” faz parte do livro de contos “*A via crucis do corpo*” que retrata *tabus da sexualidade feminina*. Foi escolhido este dizer: “*tabus da sexualidade feminina*” porque é o único livro de contos de Clarice Lispector que foi encomendado, tanto que a autora quase o publicou sob um pseudônimo por temer a reação da crítica, já que ela já estava consagrada como uma autora que retratava de forma singular fluxos de pensamento, epifanias e abstrações da alma humana.

### **Qual o contexto em que este corpus está inserido?**

O corpus, ou seja, o conto “Ruído de passos” faz parte do contexto de um livro de contos publicado pela primeira vez em 1974, o livro “*A via crucis do corpo*” que é formado por 13 contos. No prefácio Clarice Lispector explica que a obra foi feita em um único fim de semana e sob encomenda, o que a fez ponderar: “Se há indecências na história a culpa não é minha”; a autora conta ainda que o livro quase foi publicado sob o pseudônimo de “Claudio Lemos”, mas decidiu ter a coragem de assinar sem uso de artifícios.

Retrata um período no qual mulheres da terceira idade possuíam poucas informações sobre a sexualidade, além do *forte estigma que desvaloriza a mulher quanto maior for a sua idade*. Para a personagem “Cândida Raposo” linha 30, 31 a morte lhe seria uma benção porque então ela estaria livre do “desejo de prazer”, ou seja, a sua pulsão sexual que representava pulsão de vida é vista como algo que deve ser combatido até que desemboque em pulsão de morte.

Na década de 1970, no âmbito literário, a legitimação para tratar de temas eróticos era dada aos homens, por isso faz sentido o dilema de Clarice em assinar ou não sob o pseudônimo, com o lançamento do livro segundo o Instituto Moreira Sales (IMS) parte da crítica reagiu negativamente à proposta não percebendo o processo genial da autora:

A ideologia da seriedade e o enquadramento da autora como ícone da literatura filosófica impediram que se percebessem ali jogadas de mestre. Primeiro, a remissão que ela faz a alguns cânones da literatura erótica e pornográfica brasileiras. Em algumas das histórias, ela estabelece claramente conversas com o dramaturgo Nelson Rodrigues e o escritor curitibano Dalton Trevisan (INSTITUTO MOREIRA SALES, 2020)

## Análise conto 2: Uma esperança

### Quadro 10 - Qual corpus será submetido à análise? Conto 2

1 Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ser ilusória,  
 2 embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.  
 3 Houve um grito abafado de um de meus filhos:  
 4 Uma esperança! E na parede, bem em cima de sua cadeira! Emoção dele também que unia em  
 5 uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa  
 6 secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha  
 7 cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e  
 8 verde não poderia ser. --Ela quase não tem corpo, queixei-me.  
 9 Ela só tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com  
 10 surpresa que ele falava das duas esperanças.  
 11 Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede.  
 12 Três vezes tentou renitente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder  
 13 caminho. Custava a aprender.  
 14 -Ela é burrinha, comentou o menino.  
 15 - Sei disso, respondi um pouco trágica.  
 16 -Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.  
 17 - Sei, é assim mesmo.  
 18 - Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.  
 19 - Sei, continuei mais infeliz ainda.  
 20 - Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a como se vigiava na Grécia ou em  
 21 Roma o começo de fogo do lar para que não se apagasse.  
 22 – Ela se esqueceu de que pode voar, mamãe, e pensa que só pode andar devagar assim.  
 23 Andava mesmo devagar – estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro  
 24 escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.  
 25 Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não  
 26 uma aranha, mas me parecia “a” aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se  
 27 maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus,  
 28 queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa,  
 29 sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:  
 30 É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...  
 31 Mas ela vai esmigalhar a esperança! respondeu o menino com ferocidade.  
 32 Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros – falei sentindo a frase  
 33 deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de  
 34 como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faz o favor de  
 35 facilitar o caminho da esperança. O menino, morta a aranha, fez um trocadilho, com o inseto e  
 36 a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer.  
 37 Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.  
 38 Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma  
 39 tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la  
 40 Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta, pousara no meu  
 41 braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua

42 presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: “e essa agora? que  
 43 devo fazer?” Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse  
 44 nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. E, acho que não aconteceu  
 45 nada

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

### **Esse corpus possui unidade de sentido própria?**

Personagem: narradora onisciente Clarice Lispector, filhos de Clarice Lispector, esperança, aranha.

Evento: pouso da esperança na casa da narradora onisciente Clarice.

Espaço: Casa de Clarice Lispector (físico) Digressões de uma narradora onisciente (psicológico)

Tempo: Rio de Janeiro década de 60

### **O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?**

Neste discurso vê-se uma narradora onisciente, mulher, mãe de dois filhos contando sobre o dia em que uma esperança pousou na sua casa. Infere-se que a narradora onisciente seja Clarice Lispector relatando em forma de conto um acontecimento. Durante o conto o filho da Clarice se refere à esperança, inseto, visível aos olhos, objetivo. Já Clarice pensa na esperança enquanto sentimento, abstrato, não visível aos olhos. O filho elenca características do inseto enquanto a narradora onisciente faz um paralelo com o sentimento e reflexões através de *fluxos de pensamentos* que os aproximam.

Uma possibilidade de discurso que se contrasta, ou seja, o que é dito em outro discurso, seria analisar a esperança só enquanto inseto já que a narradora onisciente explica sobre o *caráter polissêmico* da palavra e em que qual domínio ela pretende se fixar, ou seja, se discorreria sobre o *substantivo* inseto sem fazer um jogo polissêmico sobre a dubiedade da esperança e ele se fixaria assim enquanto *um conceito*.

### **Porque foi escolhido este dizer ao invés de outro?**

Foi escolhido este dizer por acreditar-se que ele se materialize na contraposição: fluxo de pensamento *versus* raciocínio lógico, pois representa um momento em que a Clarice Lispector voltava a morar no Rio de Janeiro com seus filhos e passa a relatar em seus contos

situações do cotidiano. Clarice passa a enquadrar seus relatos dentro da ordem do raciocínio lógico que impele o cotidiano de uma mulher recém-divorciada que quer “pertencer” a essa racionalidade lógica, no caso, a sociedade impõe para ela essa prerrogativa já que ela precisa cuidar de duas crianças e para isso é necessária certa ordem que a autora passa a exercer ao se comprometer, por exemplo, a escrever semanalmente para jornais a fim de garantir o sustento de sua família levantando assim, nas entrelinhas a questão da sobrecarga materna. No entanto, mesmo diante dessa nova realidade que lhe impõe maior racionalidade a autora não deixa a marca principal de sua escrita que é deixar pistas de fluxo de pensamento e digressões da ordem do não lógico em sua narrativa.

### **Qual contexto este corpus está inserido?**

Este corpus está inserido no contexto de 1960 no qual Clarice Lispector já era reconhecida como uma importante escritora brasileira. Nesse momento a escritora havia se separado do diplomata Maury Gurgel Valente e voltado a morar no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, após ter vivido 15 anos fora em Nápoles, Boston e Berna.

Essa volta ao Brasil impôs à autora o desafio de cuidar dos dois filhos e para fazê-lo ela, que acostumada a passar por um longo período de maturação interna resultando na escrita de seus romances, precisou retomar o trabalho como jornalista, mais especificamente como colunista semanal de vários jornais da época com a escrita de contos e crônicas, para assim prover o sustento de sua família.

Nesse período seus contos refletiam o cotidiano de donas de casa, com filhos, relatando situações do cotidiano da classe média burguesa do Rio de Janeiro.

### **4.4 Temas levantados através do modelo de leitura discursivo**

Tendo como base o modelo de leitura nos dois contos, apresentam-se os principais temas levantados em ambas as análises através do quadro abaixo:

**Quadro 11:** principais temas levantados

<b>CONTO 1</b>	<b>CONTO 2</b>
Libido feminina	Sobrecarga materna

Terceira Idade - Sexualidade	Cotidiano
Desejos – Repressão	Digressões

Fonte: elaborado pela própria autora

O modelo de leitura do primeiro conto “Ruído de passos” levantou temas que vêm à tona por conta das ferramentas refinadas criadas com base na análise do discurso literário de Maingueneau (2016) em consonância com a perspectiva de Orlandi (2008)

Os temas evocados vão além da análise que a estrutura linguística, não focada na dimensão discursiva, costuma alcançar.

Uma análise literária não discursiva sobre o conto “Ruído de passos” poderia levantar como tema o termo “saúde íntima da mulher”, por exemplo, visto que de maneira superficial trata-se de um conto retratando uma consulta ginecológica. Mas, na especificidade, ou seja, valendo-se da estrutura refinada da orientação de leitura literária discursiva chegam-se a temas mais verossímeis que estão nas entrelinhas da leitura como libido feminina, sexualidade na terceira idade e à repressão destes desejos devido a uma conjuntura social patriarcal.

O conto “Uma esperança” de maneira superficial poderia levantar como tema o termo “contemplação - vida dos insetos” porque de maneira superficial trata-se de um conto que relata a contemplação da narradora onisciente e dos filhos em relação ao inseto “esperança” que pousou dentro de casa. A polissemia do termo é destacada na orientação de leitura literária discursiva e chega-se a termos discursivos e verossímeis como “Sobrecarga materna”, “Cotidiano”, “Digressões”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como ponto de partida encontrar uma forma fidedigna de representar as idiosincrasias do texto narrativo de ficção do gênero conto no contexto da Organização do Conhecimento. O cenário encontrado que consistiu no problema do trabalho foi a percepção do tratamento superficial dado aos textos literários no momento da Análise documental culminando em representações que se centravam nos aspectos externos e formais do documento, enquanto o assunto era confundido com as categorias gênero e nacionalidade, por exemplo.

Acredita-se que este fenômeno se dava pela incompatibilidade de aplicação das diretrizes do texto científico ao texto narrativo de ficção do gênero conto. O objetivo principal então foi

criar um modelo de leitura direcionado para o conteúdo do texto literário, levando em conta as peculiaridades do texto narrativo de ficção do gênero conto.

O objeto de estudo desta tese foram os contos “Ruído de passos” “Uma esperança” e “Cem anos de perdão” da autora Clarice Lispector. Tais contos foram escolhidos por representarem a infância, vida adulta e velhice da autora que, mesmo não se dizendo autobiográfica, relatava nos contos percepções do transcorrer da sua vida. Para o desafio de ter os contos de Clarice Lispector como objeto de estudo foi necessário criar um modelo de leitura refinado para trabalhá-lo, pois é a autora trabalha com fluxo de pensamentos, epifania, jogos de linguagem, ou seja,.

Para a criação do modelo de leitura foi necessário se apoiar em uma metodologia robusta: A Análise do Discurso de matriz Francesa, oferecendo os aportes teóricos; e a Análise do Discurso literário oferecendo os conceitos. Através destas perspectivas que foram elucidadas no capítulo 2 deste trabalho foi possível entender que o discurso literário de Clarice Lispector existe diante da opacidade do dizer subvertendo-o, pois os conceitos como formação discursiva e interdição de Foucault e Pêcheux nos explicam que “não é possível dizer tudo em qualquer circunstância”. Perspectiva esta que Clarice Lispector rompe no conto “Ruído de passos” ao falar sobre masturbação feminina valendo-se de eufemismos, por exemplo. A escritora quando viva não corrigia a replicação de erros na grafia de seu nome subvertendo também assim a função autor de Foucault.

Sendo assim, os construtos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso e Análise do Discurso Literário foram apresentados, perspectiva esta que criou um esqueleto conceitual-metodológico conciso para dar suporte às decisões metodológicas que foram tomadas ao longo do trabalho. Entendeu-se a Análise do Discurso Literário como uma extensão da Análise do Discurso oferecendo um olhar calibrado para o texto literário, desta forma atingiu-se o primeiro objetivo específico do trabalho.

No capítulo 3 foram apresentados os aspectos teóricos e metodológicos da Análise Documental dando destaque para a perspectiva de modelo de leitura. Para tanto este capítulo foi dividido em três partes, o primeiro tratou acerca dos fundamentos teóricos da Organização do Conhecimento realizando um paralelo com Análise Documental, Leitura Documental e suas estratégias cognitivas e metacognitivas. Ao refletir sobre o impacto na Análise Documental na Organização do Conhecimento foi possível destacar sobre a responsabilidade que o bibliotecário possui ao manipular a linguagem natural para a linguagem documental levando em conta que cada ser traz consigo uma bagagem cultural, ideológica, política e social que é repleta de idiossincrasias que um padrão de linguagem documental não alcança.

O ideal então é que o bibliotecário possua uma postura ética e conheça a comunidade de usuários de forma ampla, fazendo com que a representação se apresente de forma mais fidedigna. Entendeu-se também que esse processo de tradução perpassa por crenças pessoais, valores éticos e possíveis preconceitos que são de ordem cognitiva e metacognitiva.

Neste capítulo foi realizada a análise do conto “Cem anos de Perdão”, como primeira etapa da Análise Documental. A ideia foi mostrar que o bibliotecário/ pesquisador faz a exploração textual por meio da leitura documental e se vale de estratégias cognitivas e metacognitivas para a extração de conceitos. Para tanto se mostrou com a análise a necessidade de se conhecer a superestrutura textual dos textos narrativos de ficção, como a dos contos, por exemplo, assim como suas macro e microestruturas semânticas é chave para uma representação temática defensável.

A fim de trazer maior riqueza teórica para o capítulo três foi realizado um exercício que aplica os cenários de análise de assunto para documentos de ficção propostos pelo FRSAD retomando o conto “Cem anos de perdão” e entendeu-se que os cenários na prática precisam de uma série de ajustes que podem ser supridos com o modelo de leitura discursivo criado nesta tese.

O capítulo três foi de suma importância para criar as orientações de leitura literária discursiva ao retomar modelos de leitura já existentes na área como, por exemplo, as orientações do FRSAD para tratar com o assunto dos documentos, destacadas acima. Além de ter percorrido também o modelo leitura para ficção (MENTIF) e realizado buscas nos principais bases de dados da área, como também nos manuais de indexação da UNESP e Library of Congress, percebeu-se a real necessidade do olhar discursivo para os textos narrativos de ficção do gênero conto atingindo assim o segundo objetivo específico do trabalho.

No quarto capítulo apresentaram-se, primeiramente, os aspectos biográficos de Clarice Lispector, interligando a vida da autora com as características de sua escrita e do gênero conto. Entendendo este como uma das narrativas de menor extensão possuindo como característica a concisão, precisão, densidade, unidade de efeito ou efeito único.

Devido às singularidades do gênero ressaltou-se a importância de levar em consideração a ação, o tempo, as personagens, os recursos narrativos e o ponto de vista. Tais características se relacionam diretamente com as categorias de Beghtol “personagem, evento, espaço, tempo” e estes elementos foram levados em conta no momento de criar o modelo de leitura. Além disso, a perspectiva aplicada da Análise do Discurso Literário nesse momento foi de suma importância, pois optou-se por entender os discursos analisados como fatos literários e transformou-se as premissas de Maingueneau (2016) e Orlandi (2008) em questões chave que

formaram as orientações de leitura literária discursivas atingindo-se assim o terceiro objetivo específico do trabalho.

O modelo de leitura foi aplicado nos contos “Ruído de passos” e “Uma esperança” da autora Clarice Lispector, atingindo assim o quarto e último objetivo do trabalho. Destaca-se que umas análises literárias não discursivas sobre estes contos poderiam levantar como tema termos superficiais, perspectiva esta que não ocorre porque com o respaldo da leitura literária discursiva chegam-se a temas mais verossímeis que estão nas entrelinhas da leitura.

Percebeu-se que a estrutura do gênero conto, em específico os de Clarice Lispector, reivindica uma linha não binária de linguagem, ou seja, as estruturas frasais dos contos analisados colocam em questionamento a perspectiva padrão “sujeito-verbo-objeto”, pois no conto uma “esperança”, por exemplo, Clarice faz um jogo de linguagem que coloca “a esperança” ora como objeto, ora como sujeito.

O modelo de leitura não foi criado com a pretensão de ter um caráter prescritivo porque não reflete a perspectiva crítica da Análise do Discurso e da Análise do Discurso Literário que deram base teórica e metodológica para a criação do modelo.

Acredita-se que este trabalho esboce uma nova linha narrativa crítica para os estudos da Organização do Conhecimento e também para os bibliotecários/indexadores no momento de realizar a leitura documental; acredita-se que as orientações de leitura literária discursivas têm o potencial de ser uma maneira viável e robusta de representar os textos narrativos de ficção do gênero conto.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **Métodos para análise de documentos**: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro: ABNT, 1992.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A função-autor: examinando o papel do nome do autor na trama discursiva. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 221-235, June 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922008000100021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Out. 2020.

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ALVES, R. C. V. **Análise documental de textos literários infanto-juvenis**: perspectivas metodológicas com vistas à identificação do tema. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ALVES, R. C. V.; MORAES, J. B. E. Análise documental de textos literários infantojuvenis: uma proposta metodológica com vistas à identificação do tema. *In*: Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Ação, 5., **Resumos** [...]. Marília, SP: Unesp, 2007.

ANDERSEN, N. **Discursive Analytical Strategies**: Understanding Foucault, Koselleck, Laclau, Luhmann. Bristol: The Policy Press, 2003.

ANDRADE DUARTE, E. Processos de indexação e análise de assunto: uma abordagem baseada na avaliação dos fatores intervenientes nestes processos. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2007.

ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ANTONIO, D. M.; MORAES, J. B. E. O Percurso Gerativo de Sentido aplicado a Análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. *In*: FREIRE, G. H. A. (org.). **A responsabilidade social da Ciência da Informação**. João Pessoa: UFPB, 2009. v. 10, p. 644-662.

ANTONIO, D. M; MORAES, J. B. E. Análise Documental de obras de ficção: aspectos metodológicos de aplicabilidade. **Scire**, Zaragoza, v. 16, p. 71-78, 2010.

BARITÉ, Mario. Organización del conocimiento: un nuevo marco teorico-conceptual en bibliotecología y documentacion. *In*: CARRARA, K. (org.). **Educação, universidade e pesquisa**: textos completos do III simpósio em filosofia e ciência: paradigmas do conhecimento no final do milênio. Marília: Unesp-Marília-Publicacoes; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60.

BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: about ness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of documentation**, v. 2., n. 42, 84-113, 1986.

BEGHTOL, C. Access to fiction: A problem in classification theory and practice. Part I. **Ko knowledge organization**, v. 16, n. 3, p. 134-140, 1989.

BEGHTOL, C. Access to fiction: A problem in classification theory and practice. Pt. II. **Ko knowledge organization**, v. 17, n. 1, p. 21-27, 1990.

BEGHTOL, C. Toward a theory of fiction analysis for information storage and retrieval. In: WILLIAMSON, N. J., HUDON, M. **Proc. 5th Int. Study Conf. On Classification Research, Toronto, Canada**: Elsevier. 1992. p. 24-28

BORKO, H. Information Science - what is it?. **American Documentation**, v. 19, n.1, p.3-5, 1968

BUDD, J. Discourse Analysis and the Study of Communication in LIS. **Library Trends**, v. 55, n.1, p. 65-82. 2006. Disponível em:<<https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/3660>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

BUIZZA, Pino; GUERRINI, Mauro. A conceptual model for the new Soggettario: subject indexing in the light of FRBR. **Cataloging & classification quarterly**, v. 34, n. 4, p. 31-45, 2002.

CAFÉ, L; BRÄSCHER, M. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & informação**, v. 16, n. 2, p. 25-51, dez. 2011.

CÂNDIDO, G. G. **A representação da informação do documento de arquivo: perspectivas metodológicas para elaboração de pontos de acesso**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

CAPRIOLI, M. S. **Análise do discurso literário: proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

CESARINO, M. A. N.; PINTO, M. C. M. F. Análise de assunto. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 32-43, jan./jun. 1980.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas, instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun., 1988.

CHAUMIER, J. **As técnicas documentais**. Lisboa: Europa America, 1971

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p. 29-38.

CINTRA, A. M. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 2002.

CLAUSO GARCIA, A. Análisis documental: el análisis formal. **Revista general de información y documentación**, v.. 3, n. 1, p. 11-20, 1993. Disponível em: <

<http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/viewFile/RGID9393120011A/11739> .

COSTA, C. E. **Análise documental de texto narrativo de ficção**: uma experiência com "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

COYAUD M. **Introduction à l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966.

CUNHA, I. M. R. F. Análise Documentária. *In*: SMIT, J.W. **Análise documentária**: a análise da síntese. 2. ed. Brasília: IBICIT, 1987. P. 61-85.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DIAS, E. W. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007.

ESTEBAN NAVARRO, Miguel Angel. "La representación y la organización del conocimiento em los archivos: los lenguajes documentales ante los procesos de clasificación, ordenación y descripción." *In*: MARCO, F. J. G. **Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación**, Zaragoza: Librería General, 1995. p. 65-90.

FAIRTHORNE, R.A. Content analysis, specification and control. **ARIST**, n. 4, p. 73-109, 1969.

FARROW, John F. A cognitive process model of document indexing. **Journal of documentation**, v. 47, n. 2, p. 149-166, 1991.

FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. S. Indexação de acórdãos no contexto dos tribunais de contas: estudos preliminares para a elaboração de um modelo de leitura técnica. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 511-531, 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. An Interview with Michel Foucault. *In*: FAUBION, J. D., **Power: the Essential Works of Foucault, 1954-1984**. v. 3. New York: The New Press, 1994, p. 239-297.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FOUCAULT, M. Nietzsche, genealogy, history. *In*: RABINOW, P. **The Foucault reader**. New York: Pantheon books, 1984. p. 76-100.

FOUCAULT, M. **Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FOX, Virginia. **Análisis documental de contenido: principios y prácticas**. Buenos Aires:

Alfagrama, 2005.

FRSAD - **Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)**: A conceptual model. Netherlands: IFLA, 2011. Disponível em: <<http://www.ifla.org/node/5849>>. Acesso em: 15 set. 2019.

FUJITA, M. S. L. NARDI, M. I. A.; SANTOS, S. dos. A leitura em análise documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 13-31, set./dez. 1998.

FUJITA, M. S. L., SABBAG, D. M. A., PIOVEZAN, L. B., BARROS RIBAS, R. R., ROSAS, F. S. Y DEGASPERI, M. C. B. Indexação de obras de ficção em bibliotecas: avaliação e adequação do Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF). **Palavra Chave (La Plata)**, Buenos Aires, v. 7, n. 1, 2017.

FUJITA, M. S. L. A representação Documentária no Processo de Indexação com o Modelo de Leitura Documentária para Textos Científicos e Livros: uma abordagem cognitiva com protocolo verbal. **PontodeAcesso**, Bahia, v. 7, n. 1, p. 42-66, 2013.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 1-18, 2006.

FUJITA, M. S. L. La lectura documentaria como disciplina curricular en el curso de biblioteconomía: contenido y metodologías del abordaje socio-cognitivo de la metacognición del indizador aprendiz. *In: Ibersid*, 1., 2007, Zaragoza. **Anais[...]**. Espanha: Ibersid, 2007. p 87-92.

FUJITA, M. S. L. (org.). **Manual de política de indexação para as bibliotecas universitárias da Unesp**. São Paulo: Unesp, 2017. Disponível em: <<https://www.biblioteca.unesp.br/portal/arquivos/manual-politica-indexacao-2017.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FUJITA, M. S. L.; FERREIRA, G. I. S. Ensino do processo de análise de assunto para indexação com aplicação de um modelo de leitura: estudo de avaliação comparada em cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil. *In: IBERSID*, 2., 2008, Zaragoza. **Anais[...]**. Espanha: Ibersid, 2008. p 163-176.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Consulta aos arquivos literários**. 2020.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio Luis. **Linguística documental**. Barcelona: Mitre, 1989

GARCÍA-MARCO, F.J. Understanding the categories and dynamics of multimedia information: a model for analysing multimedia information. **ISKO**, Viena, v. 10, p. 395-404, 2006.

GARCIA-MARCO, F.J.; MORAES, J. B. E.; GARCIA-MARCO, L.F. ; GUIMARÃES, J.A.C. Knowledge organization on fiction and narrative documents: a challenge in the age of multimedia revolutions. *In: GNOLLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Org.)*. **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Würzburg: Ergon, 2010, p. 262-268.

GARDIN, J.-C. et al. **La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique**. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'Homme, 1981.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

GOMES, H. E., MOTTA, D. F. de, CAMPOS, M. L. de A. **Revisitando Ranganathan: a classificação na rede**. 2006. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitit/revisitando/revisitando.htm#catfund>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

GOTLIB, N. B. Clarice Lispector: **Uma vida que se conta**. 6. ed. São Paulo: Edusp. 2010.

GRAHAM, L. J. Discourse Analysis and the Critical Use of Foucault. Presented at Australian Association for Research in Education 2005 Annual Conference, Sydney, 27th November - 1st December. 2005. p. 1-15.

GREGOLIN, M. R. V. A Análise do Discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107724/ISSN1981-5794-1995-39-13-21.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 9 jun. 2019.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. *In*: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-118.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, p. 77-99, 2008

GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (ORC): uma reflexão preliminar. *In*: **González de Gómez, MN y Orrico, EGD, organizadoras. Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: EDUFRN, 2006, p. 237-264.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. *In*: GARCÍA MARCO, F. J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100.

GUIMARÃES, J.A.C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. *In*: GARCÍA MARCO, F. J. **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación**. Ibersid, Zaragoza, 2009, p. 105-117.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M.. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 1, p. 93-99, 2007.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: Ibict, 1994

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 13.

HJØRLAND, Birger. Knowledge organization (KO). **Knowledge Organization**, v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016.

HUTCHINS, J.W. On the problem of ‘aboutness’ in document analysis. **Journal of Informatics**, East Anglia, v. 1, n.1, p. 17-35, 1977.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Arquivo Clarice Lispector**. 2020.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LANCASTER, F. W. **Indexação: teoria e prática**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LARA, L. M. de. **Análise da aplicação do percurso gerativo de sentido em trabalhos de conclusão de curso de biblioteconomia do ano de 2006**. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

LIBRARY OF CONGRESS SUBJECT HEADINGS. **Module 1.1: why do we organize information?**. Washington, DC: Library of Congress, 2016. Disponível em: <<https://www.loc.gov/catworkshop/lcsh/PDF%20scripts/1-1-Organizing.pdf>>. Acesso em: 23 de abr. 2020.

LIMA, L. M; MORAES, J. B. E. A legitimação dos elementos teórico-metodológicos da análise do discurso na ciência da informação brasileira: um aporte da análise de conteúdo. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 11, n. 2, p. 88-95, 2017.

LIMA, L. M. **A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do GT1 ENANCIB em sua primeira década**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

LIMA, L. M. **O percurso discursivo da ciência da informação no Brasil: uma análise discursiva a partir dos periódicos Ciência da informação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1971.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992.

LISPECTOR, C. Ruído de passos. *In*: LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo GH: romance**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes–Editora da Universidade de Campinas, 1997.

MARCONDES, C. H.; COSTA, L. C.; MARTINS, S. C. Descoberta de conhecimento em artigos digitais em ciências biomédicas. **Informação & Informação**, v. 21, n. 2, p. 170-216, 2016.

MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Problems and Characteristics of Foucauldian Discourse Analysis as a Research Method. *In*: Smiraglia, R. P.; Lee, H. (org.). **Cultural Frames of Knowledge**. 1. ed. Würzburg: Ergon-Verlag, 2012, p. 99-110.

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization system (KOS). **Knowledge Organization**. v. 45, n. 1, p. 54-78. 2018. Disponível em: <<http://www.isko.org/cyclo/kos>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MILANI, S. O.; GUIMARÃES, J. A. C. Problemas relacionados a biases em sistemas de organização do conhecimento: perspectivas para a representação de assunto. **Revista IRIS - Informação, Memória e Tecnologia**, Pernambuco, v. 3, p. 72-92, 2018.

MILANI, S. O. **Bias na Representação de Assunto: Uma Discussão de Oposições Binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MORAES, J. B. E. ; DAMAZO, A. C.; DE LARA, L. M. Avaliação da proposta de análise documental de textos narrativos de ficção. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 2, p. 185-190, 2008.

MORAES, J. B. E. ; GUIMARÃES, J.A.C. Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos: em busca de um diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e percurso temático/percurso figurativo. *In*: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (org.). **Discurso e Texto multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2008, p. 35-45.

MORAES, J. B. E. **A questão do aboutness no texto narrativo de ficção: perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação**. 2011. Tese (Livre - Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual, Marília, 2011.

MORAES, J. B. E.; DAMAZO, A. C.; LARA, L. M. Avaliação da proposta de análise documental de textos narrativos de ficção. *In*: GARCÍA-MARCO, F. J. (org.). **Ibersid: Revista de sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Ibersid/Prensas Univesitarias de Zaragoza, 2008, p. 177-184.

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J.A.C. Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos: en busca del diálogo entre las concepciones de aboutness/meaning y de recorrido

temático/recorrido figurativo. **Scire**, Zaragoza, v. 12, n. 1, p. 71-84, 2006.

NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

NAVES, M. M. L. Análise de assunto: concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 20, n. 2, p. 215-226, 1996.

NEVES, D. A. B.; DIAS, E. W.; PINHEIRO, A. M. V. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 3, p. 141-152, 2006.

NOGUEIRA, N. A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária. **Verbo de Minas**, v. 6, n. 11/12, p. 87-99, 2007.

OLSON, Hope A. Classification and universality: application and construction. **Semiótica**, v. 139, n. 1/4, p. 377-391, 2002.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. L. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise do discurso: três épocas. *In*: GADET, F.; HAK, T (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1983. p. 311-318.

PÊCHEUX, M., FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad. de Péricles Cunha. *In*: GADET, F, HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-252.

PEJTERSEN, A. M. Fiction and library classification. **Scandinavian Public Library Quarterly**, n.1, p. 5-12, 1978.

PEJTERSEN, A. M. The meaning of 'about' in fiction indexing and retrieval. **Aslib Proceedings**, v. 31, n. 5, p. 251-257, May, 1979.

PEJTERSEN, A. M.; ALBRECHTSEN, H.; SANDELIN, R.; LUNDGREN, L.; VALTONEN, R. The Scandinavian book house: indexing methods and OPAC development for subject access to Scandinavian fiction literature. **ADVANCES in classification research**, v. 6, p. 99-113, 1998.

PEJTERSEN, A. M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users' value criteria: part 1. **Journal of Documentation**, v. 39, n. 4, p. 230-246, 1983.

PEJTERSEN, A. M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users' value criteria: part 2. **Journal of Documentation**, v. 40, n. 1, p. 25-35, 1984.

PINTO MOLINA, M. **Análisis documental: fundamentos y procedimientos**. 2. ed. Madrid:

EUDEMA, 1989.

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, n. 2, 1998, p. 19-33.

PRESSLEY, M. What should comprehension instruction be the instruction of?. *In*: KAMIL, M. et. al. (Ed.). **Handbook of reading research**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2000. p. 545-561.

ROBREDO, J. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Edusp, 1999.

RUIZ PEREZ, R. **El análisis documental**: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa. Granada: Ed. Universidad de Granada, 1992

SAARTI, J. "Fictional literature, classification and indexing". **Knowledge Organization**, v. 46, n. 4, p. 320-332, 2019.

SAARTI, J. "Taxonomy of Novel Abstracts Based on Empirical Findings". **Organização do Conhecimento**, v. 27, n. 4, p. 213-220, 2000.

SABBAG, D. M. A. **Análise documental em textos narrativos de ficção**: subsídios para o processo de análise 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2013.

SASAKI, K. Indexing by intellectual document analysis and its significance: Focusing on patent document analysis for CA. **Journal of Information Processing and Management**, v. 55, n. 7, p. 472-480, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado: estudos das teorias dos atos da fala**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of information science. **Annual Review of Information Science and Technology**. Washington, CO. v. 2, p.249-275, 1967.

SUZUKI, K. Indexing policy for JMEDPlus file. **Journal of Information Science and Technology Association**, v.58, n. 4, p. 184-187, 2008.

UNISIST. Princípios de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, p. 83-94, mar., 1981.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. Toward a model of text comprehension and production. **Psychology Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1978.

VAN DIJK, T. **La ciencia del texto**: un enfoque interdisciplinario. Barcelona: Paidós, 1997.

VEIGA, E.A.; MARTHA, M.O.B. **Classificação de obras literárias**. Porto Alegre: Sagra, 1986.